

ARQUEOLOGIAS DO CORPO E DA SEXUALIDADE: POSSIBILIDADES DE ESTUDOS SOBRE MORTE E GÊNERO NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

**Sergio F. S. M. da Silva
Viviane C. de Castro
Danúbia Rodrigues de Lima**

RESUMO

Este artigo apresenta as principais perspectivas que vem sendo usadas na arqueologia moderna para o estudo do corpo, gênero e da sexualidade humana, considerando o emprego dos dados mortuários biológicos e culturais. A compreensão dos processos relacionados ao sexo e ao gênero no registro arqueológico é complexa, pois está vinculada ao potencial de análise e interpretação dos contextos de vida de populações do passado. Pelo viés feminista da arqueologia, os estudos bioarqueológicos e em arqueologia da morte têm representado uma perspectiva desde os anos 60 do século XX. O estudo das práticas funerárias representa uma entrada no mundo da sexualidade humana do passado e oferece excelentes possibilidades à arqueologia brasileira no presente. O artigo trata dessas possibilidades de estudo e inclui os conceitos “gênero”, “sexo” e “corpo”, advindos das ciências biológicas, da psicologia e da antropologia.

49

PALAVRAS-CHAVES:Gênero, Sexualidade,Práticas Funerárias

ABSTRACT

This article presents the major perspectives that have been used in modern archaeology for the study of body, gender and human sexuality, considering the use of biological and cultural mortuary data. Understanding the processes related to sex and gender in the archaeological record is complex because it's linked to the potential for analysis and interpretation of the life contexts of extinct populations. From this perspective, the bias of feminist archaeology, studies in bioarchaeology and archaeology of death has been a prospect since the 60's century. The study of burial practices represents an entry into the world of human sexuality in the past and offers great possibilities to the Brazilian archaeology in the present. This text deals with these possibilities of study and includes the concepts of “gender”, “sex” and “body”, coming in the biological, psychological and anthropological sciences.

KEYWORDS: Gender,Sexuality, Mortuary Practices

INTRODUÇÃO

O processo que envolve todas as atividades funerárias, intencionalmente realizadas na morte de um indivíduo, apresenta inúmeras possibilidades consideradas complexas, que envolvem desde a formação do registro arqueológico até a sua descoberta e recuperação pelos arqueólogos. Neste processo o corpo pode ter inúmeros destinos em função de agentes de natureza extrafunerária ou não funerária. Assim, em função da diversidade de possibilidades, os resultados dessas atividades nos depósitos mortuários podem revelar: ossos esparsos, ossos selecionados, ossos descartados, esqueletos articulados ou não, completos ou incompletos.

A apreensão por parte do arqueólogo de parte desse processo de formação pós-funerário pode oferecer uma possibilidade para compreender as atividades mortuárias humanas e o seu potencial de análise e interpretação na arqueologia funerária.

50 Corpo e gênero apresentam-se como novas possibilidades de estudo na arqueologia funerária. O corpo tem representado um papel fundamental na arqueologia de gênero. Assim, tornam-se promissoras as possibilidades de estudo do gênero como um dos muitos eixos de diferenciação social em populações extintas. O gênero constitui um dos caminhos para a produção de novos conhecimentos arqueológicos a partir dos remanescentes humanos e das práticas funerárias.

Desta forma, apresentamos, neste trabalho, algumas considerações sobre a relação entre o conceito de gênero, corporeidade e sexualidade e sua aplicabilidade na arqueologia, com o objetivo de demonstrar que as relações de gênero, através do corpo, podem ser entendidas. Foram apresentados exemplos de estudos possíveis sobre coleções antropológicas disponíveis em museus e universidades brasileiras.

O CORPO HUMANO E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOS DEPÓSITOS FUNERÁRIOS EM ARQUEOLOGIA: O QUE É POSSÍVEL OBSERVAR

Recentemente, Weiss-Krejci (2011)¹ esquadrinhou os processos extra e pós-funerários e suas relações possíveis ou não com o ciclo funerário (sistema funerário) em populações antigas de forma geral. Na sua perspectiva, interpretar os possíveis processos de formação dos depósitos arqueológicos implica em poder compreender o comportamento mortuário de populações no passado. O ciclo de atividades eminentemente funerárias, intencionalmente realizadas, representa uma fração de todo o conjunto de processos mais amplos relativos à própria formação do registro arqueológico como um todo. Desde a

¹Estella Weiss-Krejci leciona no Departamento de Antropologia Cultural e Social da Universidade de Viena, na Áustria.

morte de um ser humano até a sua descoberta e recuperação pelos arqueólogos, inúmeras possibilidades de processos podem estar envolvidos. Vejamos o exemplo de Weiss-Krejci (2011):

- a) A *morte* ocorre por causas naturais, violência ou acidentes. Segue-se à morte biológica a morte social, ou vice-versa;
- b) Após a morte biológica de um ser humano, instala-se um *ciclo funerário*, que envolve o tratamento do corpo através da imersão, evisceração, cremação, desidratação, descarnamento, mergulhado em óleos, articulado ou desarticulado, tendo partes selecionadas e partes perdidas ou descartadas – seguido ou não de uma deposição temporária, recuperação e reinserção na cova, perda de partes, seleção de partes, processamento – e o funeral e a deposição final;
- c) A morte que ocorre fora ou externamente a esse ciclo leva o corpo a ser elemento de *processos de formação do depósito arqueológico extrafunerário ou não funerário*: o cadáver está perdido ou abandonado; sofre um tratamento nãofunerário, com a remoção de partes do corpo (cabeça, dentes, entre outros), como é o caso da deposição de vítimas sacrificiais, deposições impróprias em contextos nãofunerários, seguidas de recuperação ou exumação que resultem em perdas de ossos, novas deposições com perturbação e exumação sequenciais e seleção de partes do corpo, até a descoberta pelo arqueólogo;
- d) A morte inserida no ciclo funerário, intencional, após o período dos funerais e deposição final, resulta em remanescentes inseridos em processos de formação do depósito arqueológico pós-funerários: ocorre perturbação *in situ* da deposição; ocorre exumação ritual ou não ritual, representada por redeposição, seleção ou perda/descarte de ossos.
- e) Os processos de formação dos depósitos mortuários são complexos na medida em que o corpo pode ter inúmeros destinos, antropicamente, ou não, determinados. Os agentes dos processos de formação do depósito arqueológico de natureza extrafunerária ou não funerária estão à deriva dos processos que estruturam o ciclo funerário, resultando em remanescentes com características de perturbação – ossos esparsos, ossos selecionados, ossos descartados. Os processos de formação pós-funerários relacionam-se à perturbação dos remanescentes no contexto arqueológico, à redeposição, à seleção ou indicação de ossos perdidos durante uma exumação ritual ou não ritual.

Nesse sentido, identificar a presença de remanescentes oriundos de ciclos funerários específicos ou remanescentes resultantes de processos de formação extrafunerários não é simples, especialmente nos casos das inumações pré-históricas. Alguns indicadores da existência desses processos no contexto arqueológico são as citadas na tabela a seguir:

Tabela 1
Indicadores de processos extrafunerários

Processos de formação extrafunerários	Possibilidade 1	Possibilidade 2
Cadáver perdido ou abandonado. <i>Tratamento não funerário com remoção de partes do corpo (ossos e dentes): seleção de ossos e/ou dentes.</i>	Deposição de vítimas sacrificiais.	Deposições impróprias, em contextos não funerários: recuperação, exumação resultando em perda de ossos, deposições perturbadas por exumações e partes do corpo selecionadas.
Ciclo funerário (tradicional)		Processo de formação pós-funerário
Tratamento do corpo (imersão em água, óleos, evisceração, cremação, descarnamento, desidratação).	Cadáver articulado ou desarticulado (com tecidos moles ou já processado) depositado temporariamente.	Recuperação e reinserção em cova de ossos ou do cadáver, processado, com partes perdidas ou selecionadas.
	Cadáver articulado ou desarticulado (com tecidos moles, mumificado, ossos, remanescentes cremados) levado aos funerais e deposição final.	Levado ao funeral e à deposição final, pode apresentar perturbação dos vestígios <i>in situ</i> ; exumação ritual ou não, com redeposição, seleção de ossos ou perda de ossos.
	Cadáver descarnado e esqueletizado, dentes, cabelos, remanescentes cremados que resultam em partes selecionadas e remanescentes com partes perdidas.	

Fonte: adaptado de Weiss-Krejci(2011, p.69).

As possibilidades de recuperação de remanescentes humanos que passaram por processos extrafunerários por parte dos arqueólogos resumem-se em:

- a) Esqueletos, articulados ou não, completos ou incompletos resultantes de abandono ou perda pelo grupo social;

- b) Esqueletos representativos de vítimas sacrificiais;
- c) Esqueletos resultantes de deposições impróprias ou fora de contextos funerários tradicionais que incluem ossos perdidos, deposições perturbadas e partes de esqueletos, intencionalmente selecionadas, como ossos e dentes.

Nos casos de deposições finais, após os rituais funerários tradicionais, podemos encontrar:

- a) Esqueletos em sepultamentos perturbados por fatores diversos, pós-funerários;
- b) Ossos resultantes de redeposição, ossos selecionados ou ossos perdidos (ausências ou remanescentes dessas perdas).

Os remanescentes dessas inumações, em contextos funerários ou não funerários, resultam em sepultamentos mais ou menos organizados e reconhecíveis, mas também, em ossos misturados, formando depósitos problemáticos, especialmente aqueles compostos por inúmeros fragmentos. A compreensão da distribuição estratigráfica e planialtimétrica de tais fragmentos é um dos requisitos para a identificação e interpretação dos processos microestratigráficos, tafonômicos e culturais envolvidos, assim como a identificação do número mínimo de indivíduos e das próprias unidades de cada esqueleto para posterior análise demográfica e biocultural.

53

A dualidade dos remanescentes esqueléticos como entidade biológica e cultural, simultaneamente, tem gerado os questionamentos teóricos da Bioarqueologia. Os modelos bioculturais empregados na Bioarqueologia enfatizam as relações sinérgicas existentes entre as forças físicas, culturais e sociais envolvidas na formação do sistema esquelético humano. Interessa a interpretação de indicadores de saúde e doença como respostas adaptativas do esqueleto humano em mudanças de larga escala, que podem incluir aquelas no sistema de subsistência, economia e política de uma sociedade. Para Agarwal e Glencross (2011) interessa, inicialmente, à Bioarqueologia Social as respostas adaptativas do esqueleto humano às forças ambientais (culturais).

Uma perspectiva diferenciada e complementar àquelas que apresentamos anteriormente está na proposta de alguns conceitos relacionados à morte e às atividades mortuárias feita por Pettitt (2011). O autor revisita as teorias sobre os ritos de passagem de caráter funerário estudados no início do séc. XIX por Robert Hertz (1960) e Arnold Van Gennep (1960). Nessa retomada, fica claro que as atividades rituais caracterizam esses ritos de passagem ou transição. O conceito “ritos de passagem” de Van Gennep funciona como um elemento heurístico na interpretação dos funerais: os mortos estão em processo de transição para um novo mundo, surge a estruturação do luto e a renegociação social com a ausência do indivíduo falecido. Mas esse indivíduo pode, ainda, continuar como “ancestral”, acompanhando a perpetuação social. As respostas humanas dadas ao

fenômeno da morte, expressas nas práticas funerárias, possuem amplas perspectivas de análise.

A estrutura material dos ritos de passagem, formada de sequências de rituais complexos, é observável de forma fragmentária pelo arqueólogo. Nesse sentido, Pettitt (2011) estabeleceu alguns conceitos heurísticos importantes para podermos comparar as parcelas de dados arqueológicos sobre as práticas funerárias que puderam ser recuperados dos contextos de deposição. Entre eles, fundamentais para a compreensão de inumações pré-históricas, em especial aquelas relacionadas à paleoantropologia, temos:

54

- a) *Curadoria* (Curation): implica o conjunto de atividades de seleção, preservação, manutenção, guardade um cadáver ou suas partes. Esses remanescentes humanos são agências sociais, podendo ser definidos como relíquias;
- b) *Morbidade*: representa a necessidade de compreensão, por parte dos vivos, do desejo de compreensão da natureza e causa da morte de um indivíduo;
- c) *CompulsãoCronos* (crono-compulsividade): é uma extensão física da morbidade que inclui a urgência por quaisquer razões de ferir, desmembrar ou consumir partes dos corpos de indivíduos coespecíficos: são relacionados sinergeticamente canibalismo ritual e nutricional, ocorre o processamento do corpo por meio de escalpelamento e mutilações, processamentos funerários diversos do corpo e inumações secundárias;
- d) *Abandono*: é definido por Pettitt (2011) como o ato simples de deixar um indefeso morrer, como o que ocorre nos mecanismos do infanticídio padrão ou, também, o abandono de um cadáver *in situ*;
- e) *Abandono estruturado*: é a deposição intencional de um cadáver em um determinado lugar no meio ambiente, por razões relacionadas à proteção do corpo contra carneiros;
- f) *Cache funerário*: é a deposição estruturada de um cadáver, ou de suas partes, em um local escolhido, sem modificações, como o entorno de uma caverna ou uma greta natural, covas criadas, a priori, sem intenções funerárias. O local representa mais do que a simples proteção do cadáver, pois passa a ter outro significado do que o do abandono estruturado. Relaciona-se ao conceito “local dos mortos”, por exemplo, um sítio simbolicamente relacionado à deposição de cadáveres;
- g) *Cobertura com pedras*: conceito relacionado à construção de uma pilha de pedras sobre o corpo que difere do cache funerário, onde o cadáver é levado para uma estrutura

natural e depositado nela; são depositados intencionalmente materiais sobre o corpo resultando em um espaço natural/artificial, como uma inumação;

- h) *Sepultamento formal ou inumação*: conceito relacionado à criação intencional de um espaço para conter o cadáver; envolve os seguintes processos sequenciais: 1 – escavação de um fosso ou trincheira que servirá como uma cova; 2 – a deposição do corpo no interior da cova; 3 – acobertura do corpo com o sedimento que foi retirado para a abertura da cova. Sem a inclusão de acompanhamentos funerários, a inumação formal é natural, pois envolve somente a natureza, e artificial, pois essa natureza é reposicionada ou remodelada. Neste conceito interessa o processo da inumação do corpo, especificamente;
- i) *Espaço de sepultamentos múltiplos*: conceito que inclui vários indivíduos inumados em várias covas. A construção desse espaço mortuário pode ser verificada entre os representantes humanos no Paleolítico Médio na Europa, com os representantes do Gênero *Homo* (*sapiens* e *neanderthalensis*). O número de corpos inumados é baixo, variando de 6 a 12, com covas escavadas sem a perturbação de inumações anteriores, representando um fenômeno breve, durante o qual os indivíduos foram inumados sequencialmente, sem quaisquer princípios de substituição de conteúdos das covas nessa organização ou a persistência por um longo período que poderia caracterizar esse sítio como cemitério. Esses lugares ou espaços de múltiplos sepultamentos ocorrem em contextos de assentamento ou ocupação: no mundo dos vivos, o morto é inumado naturalmente, em meio aos resíduos da ocupação;
- j) *Cemitério*: conceito que difere dos espaços de sepultamentos múltiplos, pois o cemitério é dedicado principalmente ou somente aos mortos, com mínima ou nenhuma evidência de assentamento ou ocupação humana: há uma sobreposição e simultaneidade de vários sepultamentos, com mais de 20 inumações e o grau de organização espacial é evidente, podendo persistir por longos períodos de tempo;
- k) *Distanciamento*: conceito relativo ao enfraquecimento dos laços sociais existentes entre os vivos e os mortos: é um processo causado pelo desgaste do tempo ou algum ato social de separação e distanciamento, como ocorre com os primatas. Eventualmente pode ser regido por regras, por uma separação ou distanciamento ritual;
- l) *Comemoração*: conceito relacionado à preservação da memória do morto, expresso pelo dispêndio de energia, como a elaboração de histórias, músicas, danças e outros elementos rituais, deposição em algum espaço privilegiado ou com objetos de cultura material, como lápides, monumentos e acompanhamentos funerários.

Esses conceitos descritos por Pettitt (2011) referem-se a uma versão do desenvolvimento do *comportamento funerário* e a inclusão gradativa de atividades funerárias simbólicas, na perspectiva da origem do simbolismo na espécie humana.

Existiriam *fases de desenvolvimento* do comportamento humano relacionado à morte que teriam início com primatas miocênicos e pliocênicos, chegando ao homem moderno, partindo do Paleolítico e Epipaleolítico europeus até a sua propagação no Novo Mundo. Desse modo, podemos distinguir algumas fases que incluem os representantes somente do Gênero *Homo* (*sapiens* e *neanderthalensis*), que nos interessam neste texto:

Tabela 2

Desenvolvimento das fases mortuárias na espécie humana, segundo Pettitt (2011)

Fases mortuárias	Cronologia e Gênero/espécie	Características
Arcaica	Paleolítico Médio e início do Paleolítico Superior (australopitecíneos e primeiros <i>Homo sapiens</i>)	Compulsão Cronos; morbidade; luto; reunião social dramatizada ao redor do morto; incorporação de espaços na paisagem dentro das atividades mortuárias
Em modernização	Paleolítico Médio, com <i>Homo neanderthalensis</i> e <i>sapiens</i> ; Início do Paleolítico Superior na Europa	Compulsões Cronos; morbidade; luto; cache funerário, reunião social dramatizada ao redor do morto; desenvolvimento do sepultamento forma para o cache funerário; abertura de espaços para sepultamentos múltiplos; raro uso de objetos de cultura material junto dos mortos (acompanhamentos, lajes, ocre).
Moderna	Início do Paleolítico Superior na Europa, <i>Homo sapiens</i>	Compulsões Cronos, morbidade; luto; cache funerário; elaboração de atividades dramáticas ao redor do corpo; clara associação de lugares na paisagem com o morto; espaços de múltiplos sepultamentos; claro uso de objetos de cultura material junto do sepultamento; elaboração e uso de relíquias humanas e sua comemoração; elaboração de tipos de sepultamentos (simples, duplos, múltiplos; associação de novos fenômenos com o sepultamento, como o fogo, arte (simbolismo); elaboração de regras

		para os sepultamentos; reconhecimento do <i>status</i> do morto no ritual funerário; primeiros sinais de práticas gerais em escala continental; as atividades funerárias reconhecem variações regionais sobre temas mais amplos.
Em desenvolvimento avançado	Paleolítico Superior Tardio/ Epipaleolítico em sequência, <i>Homo sapiens</i>	Persistência de elementos da fase mortuária moderna que alcança novas áreas como a América; aumento da variabilidade regional e cultural; origem dos cemitérios formais que implicam o reconhecimento de áreas exclusivas para os mortos e a representação coletiva da morte.

As proposições de Pettitt(2011), mais atuais, podem oferecer uma perspectiva para a compreensão das atividades mortuárias humanas e o seu potencial de análise e interpretação na arqueologia funerária. Mas outras possibilidades de pesquisa ainda devem surgir.

57

No interior do Nordeste do Brasil, como exemplo, são significativos quatro sítios cemitérios que se relacionam por aproximação com alguns conceitos de Pettitt (2011), como o de *cemitério* e de *fase mortuária moderna e em desenvolvimento avançado*: Gruta do Padre, Furna do Estrago, abrigo Pedra do Alexandre e o sítio Justino, necrópoles pré-históricas usadas por longos períodos de tempo, com presença de mudanças nos sistemas funerários (MARTIN, 2008). Outros sítios ainda não sistematicamente pesquisados, como a Furna do Nego e a Pedra do Tubarão, em Pernambuco, oferecem perspectivas para o estudo das práticas funerárias secundárias ou compostas, doenças, traumas e anomalias, assim como dados inéditos sobre processamento de ossos por meio de cortes, quebras (*greenbone*), queima e sinais de mastigação (canibalização?), envolvendo indivíduos de ambos os sexos.

CORPO E GÊNERO: NOVAS POSSIBILIDADES DE ESTUDO

O estudo da questão do *gênero*, variável biocultural, antropológica e histórica, já encontra precedentes muito significativos na produção de conhecimento arqueológico e antropológico, similarmente ao que acontece na *Nova História*, com a produção de conhecimento histórico sobre as mulheres, os jovens e as crianças, assim como sobre o corpo (CRESPO, 1990).

São promissoras as possibilidades de estudo do gênero como um dos muitos eixos de diferenciação social em populações extintas, especialmente em sociedades igualitárias

americanas. Para Rautman e Talalay (2000), referindo-se ao *Fourth Gender and Archaeology Conference*, organizado na Universidade do Estado de Michigan, em outubro de 1996, o estudo arqueológico pode relacionar gênero e tecnologia, gênero e a construção e uso do espaço e a construção cultural, negociação e transmissão das ideologias de gênero.

O corpo na arqueologia e antropologia pode ser estudado sob dois aspectos da sua forma humana²:

- a) Em primeira instância o *corpo* por si mesmo, em seus componentes físicos ou esqueléticos que definem a espécie humana: é estudado como registro de uma antiga dieta alimentar, saúde, modo de vida, atividades físicas, assim como as ideias culturais referentes ao tratamento dispensado aos mortos;
- b) Em segunda instância, o corpo enquanto representação, *imagem corporal* descrita, pintada, desenhada, esculpida, enfim: as imagens do corpo distribuídas em cenários de vida cotidiana, religiosa, de trabalho, privada, pública ou em relação às ideias culturais de feminilidade e masculinidade.

58

Tanto na situação a) quanto na b), isto é, tanto em relação aos remanescentes biológicos e bioculturais do corpo humano quanto nas suas representações visuais, a questão dos estudos de gênero está intimamente relacionada. Sobre um estudo não muito recente, mas significativo, de caráter antropológico, etnográfico e arqueológico, temos o trabalho de Dembo e Imbelloni (1933). Nesse sentido dual, segundo Rautman (2000), a interpretação arqueológica do corpo pode incluir a relação entre perspectivas de estudo aparentemente distintas: as maneiras culturais de dar gênero às imagens em geral e a ambiguidade de gênero em imagens antropomórficas; as diferenças entre os gêneros e seus papéis, principalmente em relação ao trabalho e ao *status* social; as ideologias relacionadas ao gênero, que podem ser observadas no tratamento e representação do corpo, na vida ou na morte; e o estudo das interconexões entre as construções culturais de gênero, políticas e religião.

No Brasil, algumas coleções antropológicas podem oferecer condições para o estudo do corpo na perspectiva do gênero e da sexualidade. Abaixo, algumas instituições que possuem a guarda de amostras, coleções temporárias e coleções antropológicas permanentes de referência com potencial de análise e interpretação para o desenvolvimento de projetos de pesquisa.

² Ver o significativo capítulo 1 no livro editado por Rautman (2000). Nessa perspectiva, o conceito de corpo na arqueologia é dual.

Tabela 3
Origens das amostras

Instituição	Tipo de coleção antropológica (remanescentes humanos)	Período da formação ou aquisição
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP)	Amostras etnográficas (indígenas da América), amostras de coleções permanentes pré-históricas internacionais; coleções permanentes pré-históricas, amostras de coleções temporárias históricas.	Sécs. XIX-XXI
Museu do Crime – Academia de Polícia Civil de São Paulo (MUPOL-SSP-SP)	Amostras de coleções temporárias forenses e pré-históricas; amostras de coleções temporárias históricas.	Séc. XX
Núcleo de Estudos Arqueológicos do Departamento de Arqueologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (NEA-CFCH-UFPE)	Coleções permanentes pré-históricas; amostras de coleções permanentes pré-históricas; coleções permanentes não datadas.	Séc. XX/XXI
Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco (Museu de Arqueologia da UNICAP)	Coleção permanente pré-histórica.	Séc. XX
Museu de Arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe (MAX-UFS)	Coleções permanentes pré-históricas.	Séc. XX
Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Museu Nacional/ UFRJ)	Amostras etnográficas (indígenas da América), amostras de coleções permanentes pré-históricas internacionais; coleções permanentes pré-históricas, amostras de coleções temporárias históricas; coleções históricas permanentes nacionais e internacionais.	Sécs. XIX-XXI
Museu Paraense Emilio Goeldi, Ministério da Ciência e	Coleções permanentes pré-históricas.	Sécs. XIX-XXI

Tecnologia, Pará (MPEG)		
Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM – Centro Cultural Sergio Motta)	Coleções permanentes pré-históricas	Sécs. XX-XXI

O corpo tem representado um papel fundamental na arqueologia de gênero, com seu ontológico *status*, sendo debatido em contrastantes e variadas noções teóricas das relações entre sexo e gênero e as formas como podem ou não estar ligadas ao corpo físico (SOFAER, 2006). Para essa autora, na prática, a relação entre cultura e biologia parece criar dificuldades peculiares na separação dos gêneros na lógica das diferenças naturais, especialmente nos contextos funerários.

60

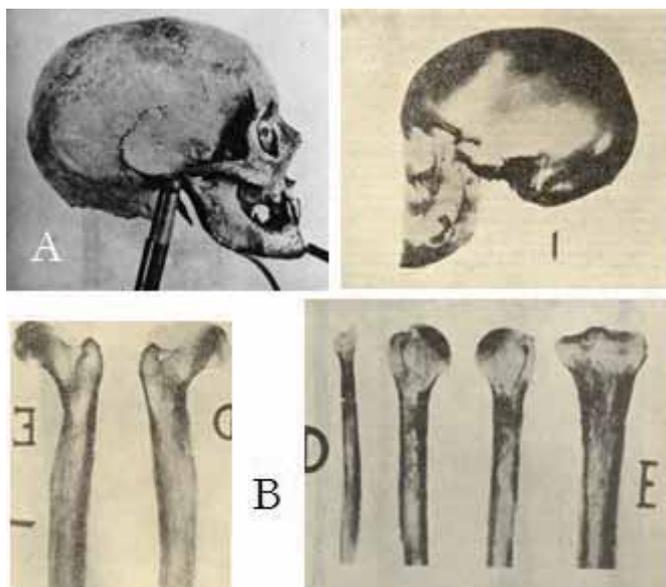


Figura 1: A – crânio masculino da Ordem dos Franciscanos proveniente de cemitério histórico (séc. XIX) e B – radiografias do crânio, fêmures, úmeros, tíbia e fíbula com sinais da doença de Paget (amostra de coleção antropológica histórica permanente do MUPOL-SSP-SP; ref. Godoy, 1936).

Existe um interesse maior, nos estudos e interpretação dos remanescentes físicos e o tratamento mortuário do corpo. O estudo do gênero na arqueologia envolve as ambiguidades relacionadas à construção de gênero e sexo em diferentes sociedades. Determinadas sociedades organizam o gênero sob uma amplitude de um modelo bipolar: masculino/feminino, homem/mulher. Entretanto, as sociedades podem empregar categorias múltiplas ou flexíveis de gênero, incluindo o feminino, masculino, neutro,

terceiro gênero, ou sempre uma classificação dinâmica que se move dentro ou fora das identidades sexuais/de gênero.

O caso da coleção antropológica temporária constituída entre 2008 e 2010 e suas amostras no Museu de Arte Sacra de São Paulo e MAE-USP oferece possibilidade de estudo de aspectos da vida monástica, controlada por regulamento próprio, em um mosteiro feminino entre os sécs. XVIII e XXI.



Figura 2: Crânio edentado (*antemortem*), lombares com formações osteofíticas e sacro com vértebra extra numerária em mulher com cerca de 30 anos de idade, proveniente de capela funerária em mosteiro feminino da Ordem das Concepcionistas, séc. XVIII/XIX (amostra de coleção temporária histórica do Museu de Arte Sacra/Museu de Arqueologia e Etnologia-USP; ref. autor, 2010).

61

DO FEMINISMO À ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

Na década de 1980, sob os auspícios da teoria feminista, surgem duas novas correntes de interpretação arqueológica: a arqueologia feminista e a arqueologia de gênero que, teoricamente, trouxeram para a arqueologia, novas formas de pensar e interpretar o passado, outrora, impossíveis.

A invisibilidade das mulheres nas reconstruções arqueológicas teria sido um dos fatores que deu origem às discussões sobre gênero na arqueologia, seguindo questões pertinentes às reivindicações feminista dos anos 1960-70. Como também está relacionada com a invisibilidade das crianças e dos idosos na pré-história. Isso se deve à identificação da produção de formas de desigualdades sociais sexuadas nos EUA³. Nesse sentido, como nos relembra Vânia Carneiro de Carvalho, a

[...] categoria “sexo” foi substituída por “gênero” com o objetivo de sublinhar o caráter social, econômico e especialmente político das diferenças entre homens e mulheres. A intenção era desnaturalizar as formas sexuadas de subordinação e

³ Ver ADOVASIO, J.M.; SOFFER, O.; PAGE, J. *Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história*. Rio de Janeiro: Record. p.37. 2009.

abrir o leque de estudos para nele incluir todos os aspectos da vida feminina (para além da maternidade, sexualidade e domesticidade), inclusive aqueles pertinentes à história dos homens (CARVALHO, 2008, p. 19).

As pioneiras destas correntes de pensamento arqueológico são M. W. Conkey, J. F. Spector e J. Gero (CONKEY e SPECTOR, 1984; CONKEY e GERO, 1991). Seus trabalhos buscavam demonstrar que a reconstrução do nosso passado foi pautada em torno dos homens, em moldes patriarcais, ignorando-se o papel exercido pelas mulheres e sua importância. Estereótipos de gênero foram criados e reafirmados pela arqueologia patriarcal.

Gênero e feminismo na arqueologia, de um modo geral, são tratados como sinônimos ou complementares, por grande parte dos estudiosos (exceto os que trabalham sob o enfoque do materialismo histórico). Algumas autoras como Martí (2003, p. 48) defendem que a “(...) arqueologia feminista, também pode ser chamada de arqueologia de gênero ou das mulheres”.

62 Contudo, a arqueologia feminista e a arqueologia de gênero devem ser consideradas de maneira separada, pois existem diferenças cruciais, tanto em seus objetivos, quanto em relação ao objeto de estudo. E, portanto, estes dois termos não podem ser agrupados em um mesmo rol. No entanto vale salientar que a arqueologia de gênero é derivada da arqueologia feminista, pois foi durante a segunda onda do movimento feminista que o conceito de gênero foi introduzido nas ciências sociais. Apesar desta origem em comum, a arqueologia de gênero distancia-se um pouco da arqueologia feminista, na medida em que não assume todos os paradigmas que esta última incorpora.

A arqueologia de gênero é alvo de fortes críticas por parte dos pesquisadores feministas. Estes alegam que a arqueologia de gênero é o “produto da falta de compromisso político com o feminismo” (BERROCAL, 2009, p. 26). Ou ainda, como afirma Joan Scott, o “gênero inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir uma forte ameaça” (SCOTT, 1990, p. 75). Entretanto, tais críticas são sobremaneira inconsistentes, uma vez que o gênero como categoria de análise não é apolítico ou ateuórico, como as feministas corriqueiramente afirmam. Apenas admite-se que as mulheres não vivem isoladas no mundo, o que faz com que não haja uma memória especificamente feminina ou masculina. O estudo dos gêneros considera o passado um produto social de todas as classes de gênero.

O aporte teórico feminista na arqueologia, seja qual for a sua inspiração, tem sido muito útil para incentivar uma reflexão crítica a cerca de como a arqueologia vem se desenvolvendo ao longo do tempo. O feminismo gerou questionamentos a respeito da melhor metodologia a ser empregada. Que tipo de metodologia possibilitaria o resgate da mulher no passado? Além disso, dúvidas sobre se “existiria uma maneira feminina de fazer

ou escrever a história que seria radicalmente diferente da masculina”. E mais, “existiria uma memória especificamente feminina?” (RAGO, 1998). Sendo consciente destas limitações metodológicas, as feministas têm reivindicado que o feminismo na arqueologia não deve consistir unicamente em estabelecer correlações entre artefatos arqueológicos e o sexo feminino, mas sim, formular novas questões e novas maneiras de contemplar os dados arqueológicos (MARTÍ, 2003, p. 46).

Dentro das ciências sociais, principalmente nas ciências que buscam reinterpretar o passado, como a História e a Arqueologia, os estudos de gênero tiveram a função de reavaliar a história escrita até o momento e buscar não apenas as mulheres em contextos pretéritos, que é o papel da História das Mulheres e da Arqueologia Feminista, mas trazer à tona as relações entre os gêneros, a importância de cada um em sua cultura.

A forma como os estudos de gênero eram vistos na academia, passou a se transformar quando, no final da década de 1980, a historiadora norte americana Joan W. Scott publicou seu conhecido artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. De acordo com Margareth Rago (1998, p. 91), Scott já era conhecida e respeitada nos meios acadêmicos masculinos, devido a suas pesquisas anteriores na área de trabalho e movimentos sociais. É neste momento também, início da década de 1990, que o conceito de gênero vai desenvolver-se no Brasil. A partir deste artigo, deu-se indubitavelmente um passo importante, chamando-se a atenção para as relações homem-mulher, que nem sempre pareciam preocupar os cientistas. No Brasil, já na década de 1960, realizou-se um estudo sobre mulheres e seus maridos (SAFFIOTI, 1969). Esta nova percepção através do gênero foi muito importante para diferenciar os estudos de gênero e os estudos feministas, apesar de ainda estarem bastante imbricados.

Desta maneira, o gênero se detém na análise relacional entre o masculino, feminino e outros mais que possa haver, dependendo da cultura que estamos estudando. O gênero sublinha o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que não pode haver compreensão destes, a partir de um estudo que os considere totalmente em separado. Caso contrário, o gênero passa a ser um conceito associado ao estudo das mulheres, como é possível perceber em vários estudos já publicados, perdendo assim, a credibilidade científica, não possuindo força de análise para mudar os paradigmas existentes (SOIHET, PEDRO, 2007).

O estudo das relações de gênero não está limitado a buscar a atribuição material dos tipos de gênero. Seu principal objetivo é compreender como funciona o gênero em todas as suas dimensões, porque o gênero é o princípio estruturador no registro arqueológico, de tal modo que se deve estudar todo o conjunto de ações sociais realizadas tanto por homens quanto por mulheres (MARTÍ, 2003).

A gradual troca das categorias “sexo” e “mulheres” pela categoria “gênero” nas ciências sociais ocorreu de pronto, mas na arqueologia esta transição se deu de forma mais lenta. Este atraso de quase uma década da arqueologia em comparação com antropologia em adotar o termo gênero, tem a ver com a lentidão com que a arqueologia pós-processual se impôs e ainda está se impondo na academia, que contrasta com o êxito que o pós-modernismo teve em antropologia (GONZALO, 2006; DÍAZ-ANDREU, 2005; MARTÍ, 2003). Esta pouca mobilidade do pensamento arqueológico pode ser explicada pela forte tendência ainda hoje na arqueologia de rechaçar uma pesquisa que busque a simbologia da cultura material, o seu significante e o seu significado. De acordo com Trigger (2004, p. 293), “a aplicação rigorosa de um enfoque positivista foi vista como forma de eliminar os elementos subjetivos e estabelecer uma base para a interpretação objetiva, científica, dos dados arqueológicos”.

64

Portanto, entende-se como *gênero*, de acordo com Armelagos (1998), uma reflexão daquilo que um dado sistema social acredita ser uma realidade biológica. As diferenças sexuais incluem as características do cromossomo, genitais e outras estruturas anatômicas relacionadas ao desenvolvimento sexual secundário (características sexuais secundárias). Gênero é uma construção cultural na qual os indivíduos são socialmente classificados dentro de categorias, como homem e mulher, masculino e feminino, ou mais de duas categorias. Mas sexo e gênero ambos são construções sociais. Assim, portanto, são intercambiáveis⁴. Em paleopatologia, uma ciência que depende do desenvolvimento de metodologias científicas baseadas em métodos comparativos, o teste de hipóteses sobre as diferenças entre os gêneros – que é produzido de forma comparativa – considera o estilo ou modo de vida, o *status*, a nutrição e a carga de trabalho. Nesse sentido, essas situações podem ser analisadas, ainda, na perspectiva evolucionária, segundo Armelagos (1998).

Os estudos de gênero têm suposto análises sofisticadas, posto que agora se destaca o papel que a produção científica em arqueologia tem como meio para significar, opor e mudar as relações sociais, não só do grupo em seu conjunto, mas também entre as categorias de gênero existentes neste. Isto tem levado a novas formas de entender práticas associadas com a produção, como as tecnológicas, que já agora não se entendem como unicamente a soma de procedimentos para metamorfosear um objeto em outro, mas como um meio em que as dimensões materiais e simbólicas da cultura material se transformam através da prática de gênero e estratégias sociais (DOBRES, 1995 *apud* DÍAZ-ANDREU, 2005).

No campo da arqueologia, busca-se, desta maneira, compreender o significante e o significado dos artefatos, ao contrário do que supõe a arqueologia tradicional. Para a

⁴ Ver PAECH, M. Sex or Gender? A feminist debate for nurses. *Contemporary Nurse*. v.5, n. 4, p. 149-156. 1996, citado por George Armelagos em ARMELAGOS, G. J. Introduction: sex, gender and health status in prehistoric and contemporary populations. In. GRAUER, A. L.; STUART-MACADAM, P. (eds.) *Sex and Gender in Paleopathological Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 2. 1998.

arqueologia de gênero a cultura material possui uma natureza ativa, englobando não apenas objetos, mas também elementos imateriais, como o espaço ou a música (DÍAZ-ANDREU, 2005). É preciso que se diga, também, que as atribuições de gênero aos objetos funcionam como sentidos imanentes. Estes objetos se tornam emblematicamente sexualizados. Tal imanência, no entanto, deve ser entendida como um resultado da prática social, cotidianamente reiterada, momento em que se atribui o gênero aos objetos (CARVALHO, 2008, p. 44). Assim, o registro arqueológico, estará permeado por informações sociais relativas às diferenciações de gênero.

CORPO, GÊNERO, SEXUALIDADE E O CONTEXTO FUNERÁRIO

Diante do exposto, os sepultamentos, em particular, têm oferecido significativas informações a respeito dos gêneros e seus papéis⁵. Nesse sentido, os contextos funerários oferecem a possibilidade de análise da perspectiva de vida, variações nutricionais, posição de indivíduos e grupos dentro dos cemitérios e a distribuição, quantidade e qualidade dos artefatos associados aos sepultamentos. Algumas marcas das diferenças entre os gêneros podem não estar necessariamente correlacionadas com as mesmas experiências de vida de uma pessoa, bem como um *status in vivo* pode ter sido alterado ou invertido no ritual funerário.

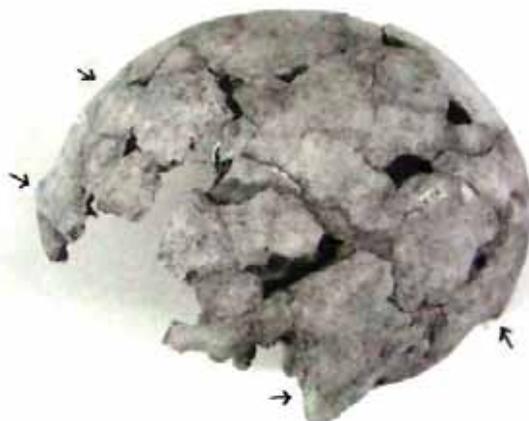
65

Os trabalhos de Arnold e Wicker (2001), Nelson (2007), Rubinson (2008), Joyce (2009), discutem sobre os conceitos de gênero na arqueologia, com ênfase na arqueologia funerária; tratam sobre os remanescentes humanos e os indicadores de diferenciação de gênero, suas estratégias e perspectivas de estudo. Diante da complexidade e flexibilidade do conceito de gênero na arqueologia, bem como a forte natureza simbólica dos padrões de sepultamento e a variabilidade interna dos *sistemas funerários*, qualquer correlação simplista entre o tratamento dado ao sepultamento e as experiências vividas pelo indivíduo inumado torna-se insuficiente (RAUTMAN, 2000).

A associação de artefatos ou acompanhamentos funerários com categorias particulares de corpos pode resultar na superposição do gênero culturalmente construído com o sexo

⁵Ver, segundo Rautman (2000, p. 4), HODDER, I. Burials, Houses, Women, and Men in the European Neolithic. In: MILLER, D.; TILLEY, C. (eds.) *Ideology, Power and Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 51-68. 1984; WHELAN, M. K. Gender and Archaeology: Mortuary Studies and the Search for the Origins of Gender Differentiation. In: WALDE, D.; WILLOWS, N. D. (eds.) *The Archaeology of Gender: Proceedings of the Twenty-second Annual Conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Alberta: Archaeological Association of the University of Calgary. p. 366-374. 1991; ARNOLD, B. *Are You a Boy or Are You a Girl? Archaeological Correlates of a Sex and Gender Disjunction in Mortuary Ritual*. Michigan: Michigan State University. 1996 (paper apresentada na Fourth Gender and Archaeology Conference); HOLLIMON, S. E. Health Consequences of Sexual Division of Labor Among Native Americans: The Chumash of California and the Arikara of the Northern Plains. In: CLAASSEN, C. (ed.) *Exploring Gender Through Archaeology. Monographs in World Archaeology*. Madison: Prehistory Press. n. 11. 1992.

biológico, resultando na fusão de fato do sexo e gênero. Nesse sentido, Sofaer (2006) descreve dois níveis nos quais a relação entre a *osteoarqueologia* e a *arqueologia interpretativa* torna-se primordial para a interpretação arqueológica de gênero: identificação para essas arqueologias de qual categoria estão tratando, se do gênero ou do sexo e quais as relações entre os mesmos e os tipos ou categorias de métodos e técnicas usados para a identificação do sexo (Figuras. 3 e 4) e gênero em contextos funerários.



66

Figura 3: Caracteres cranianos dimórficos para sexo comumente empregados em bioarqueologia e antropologia forense. Neurocrânio masculino do sítio pré-histórico Mar Virado, São Paulo (coleção antropológica pré-histórica permanente do MAE-USP; ref. Silva, 2001).

A arqueologia de gênero não pode assumir, *a priori*, que *gênero* refere-se ao *trabalho*, *poder* ou *sexualidade*. Trata, sim, de todos esses itens, sinergeticamente relacionados e mais: os homens, em algumas culturas, podem ser primariamente responsáveis pela fertilidade, enquanto que, em outras, as mulheres são consideradas essenciais e intrinsecamente relacionadas a ela; e, ainda, ambos, homens e mulheres, são considerados complementares diante do fenômeno da fertilidade.

O conceito de *gênero*⁶, discutido por Díaz-Andreu (2005), apresenta um sentido diferente do de “sexo”. A identidade de gênero é a classificação, inserção, atribuição dada a um indivíduo que os demais de uma sociedade fazem a uma ou várias categorias de gênero específicas, fundadas na diferença sexual socialmente estabelecida.

⁶*Gender, género, geschlecht*, aplicado há pelo menos 30 anos, possui um significado diferente de *sexo* em arqueologia.



Figura 4: Crânios masculino (esquerda) e feminino (direita), provenientes de sítio pré-histórico litorâneo (Mar Virado, SP). Os traços dimórficos caracterizados por diferentes graus de robusticidade são associados sinergeticamente aos demais traços do esqueleto, análises biomoleculares e métricas comparadas em bioarqueologia (coleção antropológica pré-histórica permanente do MAE-USP; ref. Silva, 2001).

O gênero possui categorias e ideologias que variam no tempo e no espaço social, sendo cultural e historicamente determinadas. Ao que nos parece, a identidade à qual tem sido dada maior atenção nos últimos anos na arqueologia pós-processual, além de etnicidade e nacionalismo, por exemplo, é a de gênero. Para Díaz-Andreu, uma resumida explicação sobre gênero, surgida na década de 1970 é bem vinda:

‘Sexo’ é um termo biológico; ‘gênero’ é psicológico e cultural. O senso comum sugere que são meramente duas formas de ver a mesma divisão e que alguém que pertença, por exemplo, ao sexo feminino automaticamente pertencerá ao gênero correspondente (feminino). Na realidade, isso nem sempre ocorre dessa forma. Ser um homem ou uma mulher, um menino ou uma menina, está tanto em função das vestimentas, dos gestos, atividades, rede de relações sociais e personalidade, quanto de possuir determinados órgãos genitais [...] esta afirmação, bastante surpreendente, sustenta-se por uma série de eixos. Em primeiro lugar, os antropólogos tem documentado uma variação muito ampla das formas como culturas diferentes definem gênero. É verdade que cada sociedade emprega o sexo biológico como um critério para a atribuição do gênero, mas, além disso, não há duas culturas que concordem totalmente sobre o que distingue um gênero de outro. Não é necessário afirmar que cada sociedade acredita que suas próprias definições de gênero correspondem à dualidade do sexo biológico (OAKLEY, 1972, p. 158 opcit DÍAZ-ABREU, 2005, p. 15).

Na estruturação de um grupo social, o gênero é uma das identidades fundamentais, e é um fator essencial que devemos considerar no estudo da esfera econômica e social, dado que economia e sociedade são dois fatores intimamente ligados (DÍAZ-ANDREU, 2005). O mais importante ao estudar as relações de gênero, é ter consciência de que a divisão do

trabalho, a especialização sexual ou de gênero, indica uma diferença e não uma hierarquização na valorização das tarefas a efetuar por cada gênero. Contudo, de acordo com Díaz-Andreu (2005, p. 25), é importante reconhecer que a análise da relação entre gênero e atividade econômica apresenta grandes dificuldades, “já que na maioria dos casos a associação entre uma categoria de gênero e uma atividade em particular se baseia em pressupostos muitas vezes difíceis de comprovar”. Ainda de acordo com esta mesma autora, como exceção se apresentam estudos que analisam esta questão sobre a base de dados ósseos, ajudando a comprovar as hipóteses propostas. Haja vista que muitas patologias causadas por uma má alimentação e determinadas atividades deixam marcas no esqueleto pós-crânio e nos dentes. Além desses registros, podemos perceber também marcas ocasionadas por estresse mecânico, ou seja, estas marcas são o resultado de longos anos de movimentos repetitivos, como por exemplo, atividades que exijam que o indivíduo fique muito tempo agachado ou que utilizem os dentes como ferramenta, entre outras.

68

Lembra-nos Rautman (2000) que a construção cultural de gênero e dos seus papéis, para homens e mulheres, pode ter início biologicamente, mas depende, também, de uma contínua negociação cultural e uma reprodução das categorias/diferenças de gênero, assim como a sua transferência para o interior de vidas individuais⁷. Assim, para contextualizarmos as variações nos papéis e ideologias de gênero, devemos estar conscientes sobre como essas diferenças correlacionam-se com as outras variáveis culturais, como a organização econômica ou a ideologia religiosa e como as categorias de gênero são criadas, elaboradas, modificadas e mantidas. Mas como cada ideia cultural, como a de gênero, é criada, legitimada e perpetuada em remanescentes materiais? Uma vez estabelecidas as suas possibilidades, convém considerar que o uso dos remanescentes humanos – os esqueletos – presta-se a testar hipóteses arqueológica e historicamente derivadas.

A identidade de gênero está baseada na diferença sexual e por este motivo, em um grande número de sociedades, as categorias de gênero aceitas são o feminino e masculino. De acordo com Díaz-Andreu (2005), os conceitos de mulher e homem parecem ser estáveis e em quase todos os grupos que fazem esta distinção o fazem de maneira similar.

Lembremos, ainda, as discussões de Díaz-Andreu (2005) sobre a multidimensionalidade e diversidade relacionadas à identidade de gênero. Para ela, os seres humanos se dividem, quanto ao sexo, em quatro categorias: homens, mulheres, *hermafroditas* e *indivíduos sem sexo*⁸. Na sociedade ocidental, o *hermafrodita* assume a identidade de gênero produzida durante a sua educação, outros grupos, sem dúvida, consideram os *hermafroditas* uma categoria de sexo

⁷ Sobre esse aspecto, no âmbito da história do presente, ver NASCIMENTO, A. C.; FARIA GRILLO, M. A. (orgs.). *Cultura, Gênero e Infância. Nos Labirintos da História*. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco. 2008.

⁸ Incluem-se os indivíduos nascidos sem sexo, ou por castração intencional (os *castrati*, *eunucos ebirjas*).

diferente. Como é o caso dos *berdaches* em algumas tribos norte americanas. Mesmo essa diversidade de gênero é ainda maior quando são incluídas categorias que não estão baseadas no sexo biológico, o que ocorre com homens e mulheres homossexuais⁹. Essa categoria de gênero tem representado uma linhagem de pesquisa arqueológica importante, especialmente na área da arqueologia funerária¹⁰.

Portanto, o *gênero* é uma identidade diversa, podendo ser percebida e assimilada de maneiras diferentes em cada sociedade em decorrência do seu caráter simbólico. Por este motivo, o estudo do gênero em arqueologia não é uma tarefa simples. Os estudos arqueológicos, na maioria dos casos, podem analisar as categorias de gênero mais gerais, ou seja, homens e mulheres. A possibilidade de percepção de outras é bastante remota, contudo, é necessário buscá-los no registro visto que, não fazê-lo, é dar uma impressão falsa da informação que o registro arqueológico conteve (DÍAZ-ANDREU, 2005).

Os recursos etnohistóricos são, inicialmente, válidos para a formulação de hipóteses sobre a divisão do trabalho por gênero, por exemplo, em dada amostra de esqueletos. São significativas as análises demográficas, sobre doenças degenerativas das articulações – artropatias–*status* nutricional, doenças dentárias e evidências de traumas. Esses dados osteológicos e odontológicos, vistos em conjunto, podem ajudar a caracterizar os gêneros na população em estudo, como no caso do estudo desenvolvido sobre os Arikara, nos EUA por Sandra Hollimon (2000)¹¹.

69

Concluimos que *gênero* é uma das identidades fundamentais na estrutura de uma sociedade. Nesse aspecto, é importante a relação entre gênero e práticas econômicas – atividades de subsistência e produção que incluem a caça, coleta, pesca, agricultura, comercialização, produção e tecnologia; com práticas laborais em geral, sexuais e religiosas. A observação da representação arqueológica da construção, gerenciamento, negociação, manutenção ou mudança social do gênero, na perspectiva da arqueologia interpretativa, representa o objeto da *Gender Archaeology*. A arqueologia de gênero oxfordiana é definida como segue abaixo: inclui as

[...]abordagens de interpretação que analisam a construção social de gênero e sua representação no registro arqueológico. Em particular, é dada atenção às

⁹Ver como exemplo MATTHEWS, K. An Archaeology of Homosexuality? Perspectives from the Classical World. In. COTTAM, S.; DUNGWORTH, D.; SCOTT, S.; TAYLOR, J. (eds.) *TRAC94. Proceedings of the Fourth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Durham 1994*. Oxford: Oxford Books. P. 118-132. 1994.

¹⁰A esserespeito, ver DAMM, C. From burial to gender roles: problems and potentials in post-processual archaeology. In. WALDE, D.; WILLOWS, N. (eds.) *The Archaeology of Gender*. Calgary: The University of Calgary. p. 130-135. 1991.

¹¹Ver HOLLIMON, S. E. Sex, Health, and Gender Roles Among the Arikara of the Northern Plains. In. RAUTMAN, A.E. (ed.) *Reading the Body: representations and remains in the archaeological record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p.25-37. 2000.

atividades, às posições relativas de poder e autoridade, à autonomia e aos significados simbólicos que foram anexados aos homens e às mulheres em diferentes sociedades [...] interessam como as relações de gênero interagem com outras categorias sociais como classe, idade, etnia, religião e família (DARVILL, 2008, p.169).

O registro arqueológico histórico do Mosteiro da Luz, no Centro da cidade de São Paulo, apresentou amostras antropológicas com traços de artropatias que indicaram atividades de mulheres em vida perfeitamente compatíveis com as normas do regramento religioso (Figura 5), em uso desde o séc. XVIII, com pequenas modificações.

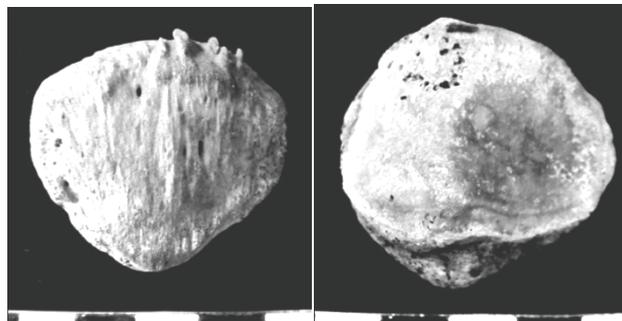


Figura 5: Patela do indivíduo feminino da Figura 2 com formações entesofíticas e osteoartrite (moderada) na superfície articular, possivelmente associadas a movimentos e esforços repetitivos voltados à alguma prática religiosa cotidiana em ambiente monástico com regramentos específicos (amostra de coleção antropológica histórica temporária – MAS/MAE-USP; ref. Silva, 2010, não publicado).

Uma visão tradicional da arqueologia inclui as seguintes inferências sobre as relações entre gênero e atividades de subsistência e produção:

Tabela 4

Gênero	Grau de atividade	Tipo de atividade
homens	ativos	Tarefas essenciais
mulheres	passivas	Tarefas auxiliares

Fonte: adaptado de Díaz-Andreu (2005, p.25).

As atividades econômicas são atribuídas, seguindo a visão da arqueologia tradicional, onde os homens, por serem *ativos*, realizariam as tarefas essenciais e as mulheres, por serem *passivas*, exerciam tarefas auxiliares. É a clássica dualidade, proposta por Strauss, em que o homem está ligado à *cultura* e a mulher, à *natureza*. Todavia, podemos afirmar que a qualidade do registro arqueológico não nos permite associar exclusivamente aos homens

determinadas atividades, mas que tradicionalmente estas já são atribuídas a eles. O fato também pode ser considerado ao inverso.

Estas crenças em relação às atividades e à sua relação com uma determinada categoria de gênero tem sido objeto de crítica, principalmente por parte da arqueologia feminista. Um exemplo é a atividade de caça que tem sido tradicionalmente atribuída ao universo masculino. Além disso, atualmente temos conhecimento que o produto da coleta, normalmente realizada por mulheres, é a base da dieta alimentar de muitos grupos. Estas possibilidades de estudos podem ter consequências de alcance geral, possibilidades absolutamente ignoradas pela arqueologia patriarcal tradicional e que só temse desenvolvido a partir dos últimos estudos de gênero (JACKSON, 1991 *apud* DÍAZ-ANDREU, 2005, p. 26).

Nessa perspectiva, certas remodelações de origem patológica nos ossos podem indicar quais atividades prováveis levaram ao surgimento das mesmas. Em sociedades de caçadores-coletores, agricultores, pastores, enfim, qualquer que seja a forma “tradicional” ou “predominante” de atividade de subsistência, determinadas formas de estresse relacionadas à repetição frequente e duradoura de posturas e movimentos nas juntas, associadas à evolução de micro-lesões nas margens das superfícies articulares, comprometendo ossos de mãos e pés, da cintura escapular e pélvica, juntas dos membros e vértebras, sistema maxilo-mandibular, podem ser identificadas nos remanescentes humanos contidos em deposições mortuárias intencionais ou não.

Esses traços osteológicos osteopatológicos, quando comparados em conjunto entre cada indivíduo e dentro de cada indivíduo, são significativos na formulação de diferenças bioculturais entre gêneros ou auxiliando, mesmo, na identificação do gênero “arqueológico” de cada indivíduo social.

No âmbito das diagnoses biológicas na arqueologia, o problema está sempre no potencial de análise *comparativa* da amostra disponível em relação à outra, que seja inter ou intrapopulacional. Estabelecer sexo biológico em uma população paleoíndia, com base em dados de população europeia do séc. XIX parece insubstancial. O uso de coleções antropológicas de períodos e locais aproximados pode representar uma opção provavelmente mais eficaz em relação às projeções estatísticas comparadas de medidas lineares, angulares e índices.

No crânio, especificamente, alguns caracteres são considerados dimórficos para o sexo biológico, sempre observados em conjunto e com os demais traços do esqueleto como um todo (Figuras 3, 4, 6 e 7), segundo elementos condicionantes, como o sexo, estado de preservação e variabilidade individual e populacional. Segundo Buikstra e Ubelaker (1994),

White e Folkens (2005), Sofaer (2006) e Marques (2008)¹² temos os seguintes traços de distinção sexual, no crânio: o desenvolvimento da região da *glabella*, o espessamento da margem supra-orbitária, o desenvolvimento da região do *inno*-crista nugal, no occipital, desenvolvimento da apófise mastóidea (altura/largura) e desenvolvimento do mento, distintos em masculino típico (1), provável masculino (2), indeterminado (3), provável feminino (4) e feminino típico (5). Na pelve, para a incisura isquiática maior seguem as mesmas codificações.

72

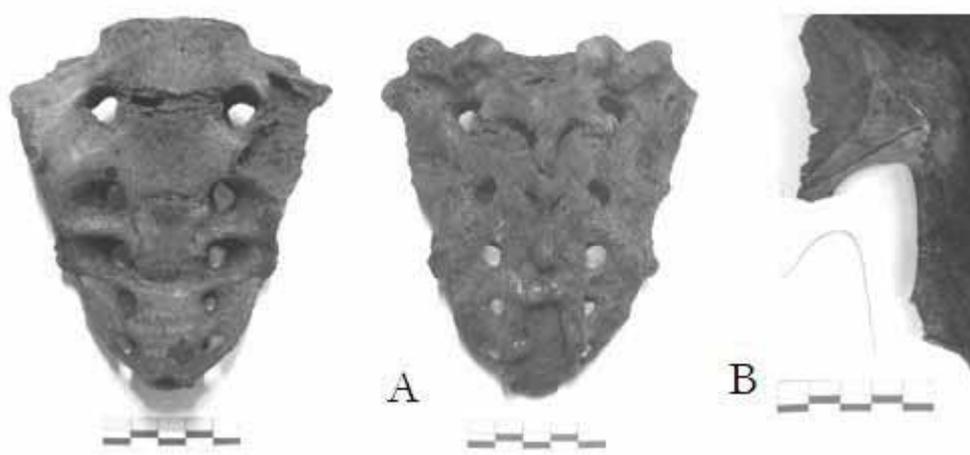


Figura 6: Em A, vistas anterior e posterior do sacro, com sacralização da quinta vértebra lombar ou primeira coccígea (?) do esqueleto 1 do sítio Toca do Coqueiro, estudado por Lessa e Guidon (2002), entre outros. A incisura isquiática maior reconstituída com acréscimo de fragmentos em 2010, durante inventário preliminar está em B e indica sexo masculino (ref. coleção antropológica permanente pré-histórica da FUMDHAM - PI).

¹²Ver MARQUES, Carina. Diagnose Sexual. Introdução à Antropologia Forense. Disponível em : (ana@ci.uc.pt). Acesso em: 21 abr 2008 (apresentação em PxB).

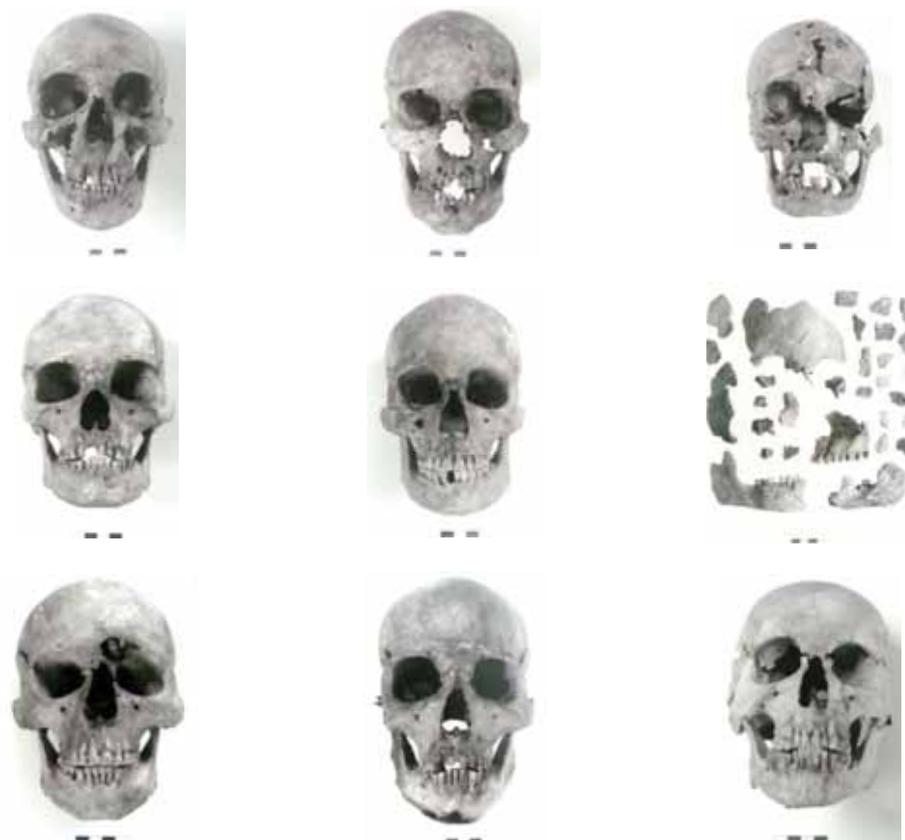
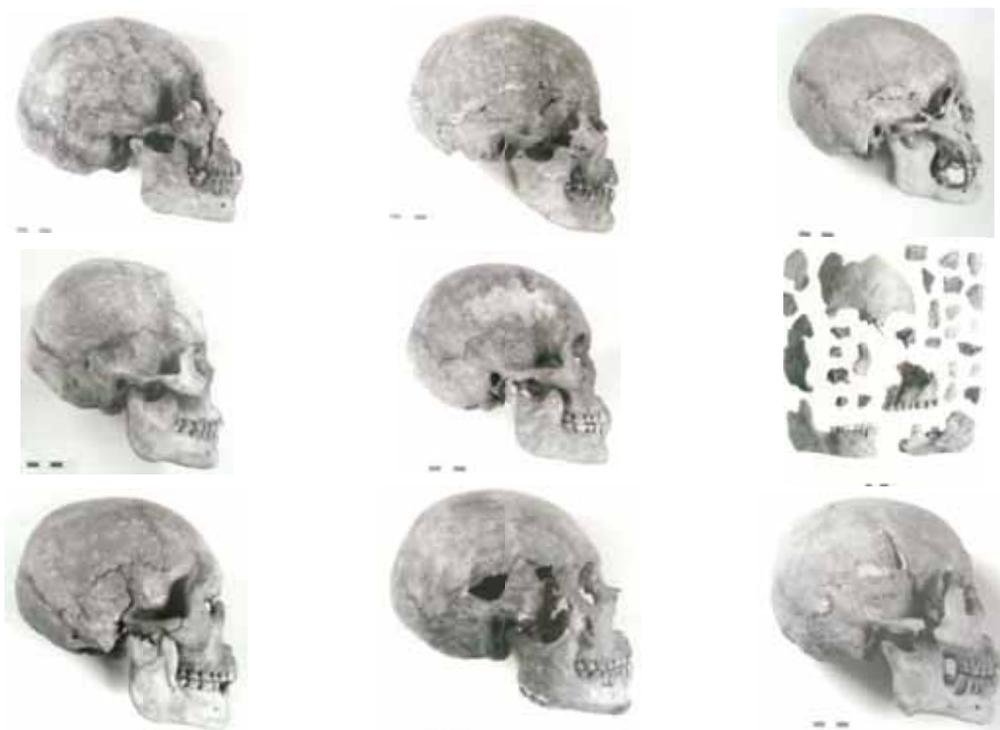


Figura 7: Crânios provenientes da mesma ocupação pré-cerâmica do sítio pré-histórico Tenório, São Paulo: indivíduos femininos (primeira linha), com sexo indeterminado (segunda linha) e masculinos (terceira linha) (coleção antropológica pré-histórica permanente do sítio Tenório, MAE-USP; ref. Silva, 2001).

A coleção antropológica das Figuras 7 e 8 pertence a uma população que viveu no ano 79 d.C, na região da planície costeira do estado de São Paulo. Não conheciam a cerâmica cozida e inumaram seus mortos em uma única ocupação (UCHÔA, 1973). Os crânios apresentam traços dimórficos para sexo relativamente discretos, diferentemente dos esqueletos recuperados do sambaqui Piaçaguera, também escavado por Uchôa. Os sepultamentos desse sítio apresentam características distintas para os sexos, apresentando graus de flexão dos membros e do corpo menores nos masculinos do que nos femininos, assim como covas menores para homens e maiores para mulheres. Essa observação é preliminar, devendo ser esclarecida com a comparação sistemática dos ângulos de flexão dos ossos, disposição dos membros e posições dos corpos e a forma e dimensões dos líticos depositados sobre os corpos. Mulheres também possuíam machados em associação,

não caracterizando este instrumento um traço de distinção sexual (provavelmente de distinção social).



74

Figura 8: Crânios da figura 16, em norma lateral direita, com diagnose sexual estabelecida por parâmetros biológicos: femininos na primeira linha, indeterminados na segunda (na segunda linha, primeira coluna, provavelmente feminino e na segunda coluna, segunda linha, provavelmente masculino, muito jovem), masculinos na terceira linha, embaixo. Sítio pré-histórico do Tenório, São Paulo (coleção antropológica pré-histórica permanente do sítio Tenório, MAE-USP; ref Silva, 2001).

Na perspectiva da antropologia, a posição social de cada indivíduo em relação à sua categoria de gênero se negocia, também, pelas culturas materiais e imateriais produzidas. Essas culturas (objetos), conforme Díaz-Andreu (2005) são de natureza eminentemente ativa e, portanto, são usadas não somente para construir e perpetuar as relações de gênero, mas também para opô-las e transformá-las.

Ao tratarmos de estudar a morte em sociedades extintas na arqueologia, podemos considerar, *a priori*, as seguintes possibilidades em relação aos problemas relacionados ao gênero:

- a) Que os estudos de gênero em arqueologia funerária devem considerar a identidade de gênero como diversa e multidimensional, podendo ser as relações de gênero assimétricas ou complementares;
- b) Os gêneros podem ser relacionados às atividades de subsistência e de produção, os quais deixam traços osteológicos e odontológicos;
- c) As identidades de gênero podem ser aproximadas ou distanciadas nas suas dietas alimentares, verificável pelo estudo de isótopos estáveis;
- d) As identidades de gênero são construídas, perpetuadas ou transformadas pela cultura material, podendo estar expressas nos acompanhamentos, adornos e associações funerárias;
- e) As identidades de gênero, consideradas como hierarquizantes, possuem relação com poderes sociais (matriarcado, patriarcado¹³, matrilinearidade, patrilinearidade, institucionalização da supremacia masculina ou feminina);
- f) As identidades de gênero relacionam-se com a paisagem, o espaço doméstico (das habitações) e nos espaços funerários.

75

No caso d), pode ser comum à correlação apressada de objetos “masculinos” a esqueletos supostamente masculinos ou objetos “femininos” a esqueletos supostamente femininos. Isso pode surpreender o arqueólogo que atua à maneira tradicional. No item d), machados polidos podem fazer parte de acompanhamentos funerários em sepultamentos de indivíduos do sexo feminino e com crianças em sambaquis com 5.000BP: qual a relação (simbólica) da criança com o artefato machado?(Figura9, 10A e 11A).

¹³ Ver a análise feita no cemitério prédinástico de Naga-ed-Dêr, no Egito, onde é revisitada a situação do gênero feminino em SAVAGE, S. H. The status of women in Predynastic Egypt as revealed through mortuary analysis. In. RAUTMAN, A. E. (ed.) *Reading the Body: representations and remains in the archaeological record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 77-92. 2000.

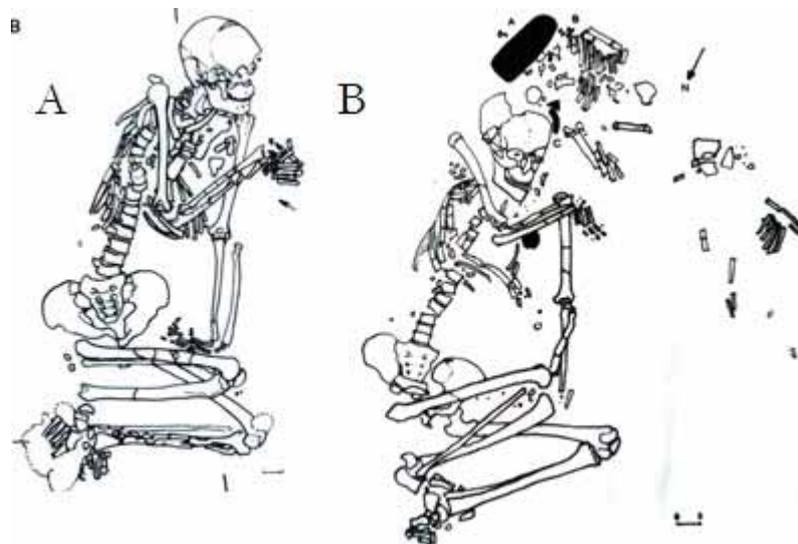


Figura 9: Sepultamentos de indivíduo masculino (A) e feminino (B), com crianças. Note, nos esqueletos, a posição do corpo e disposição dos membros. Sambaqui Piaçaguera, SP. (desenho a partir de fotografias de campo do *photowork* da arqueóloga Dorath P. Uchôa, MAE-USP; ref. Silva, 2005).

76

Um cemitério histórico monástico pode conter somente esqueletos femininos, como foi o caso do Mosteiro da Luz em São Paulo, construção do séc. XVIII, ou somente masculinos, como no caso da cripta da Igreja de São Francisco, em São Paulo (1860) e Convento de Santo Antônio, em João Pessoa, Paraíba (1589-1779). No item f), o problema maior está, segundo Díaz-Andreu(2005), na atribuição predominante do sexo masculino na maioria das coleções antropológicas estudadas em arqueologia. Isso demanda, ainda, uma série de revisões cientificamente validadas.

Os cemitérios são considerados áreas de representação social simbólica nas quais o gênero estará, *a priori*, relacionado às regras que normatizam a localização e orientação dos corpos nas sepulturas. Mesmo a escolha dos gêneros pode ser determinante em dado sistema funerário, resultando em cemitérios femininos e masculinos, comumente relacionados a uma ordem religiosa, ou ordens correlatas, vinculadas à guerra e à política, por exemplo.

Os ossos e dentes humanos como partes dos esqueletos comumente recuperados de deposições funerárias são igualmente importantes em relação aos sepultamentos dos quais fazem parte indissociável, na perspectiva da arqueologia funerária. São significativos os traços dimórficos para sexo, no âmbito da observação macroscópica.

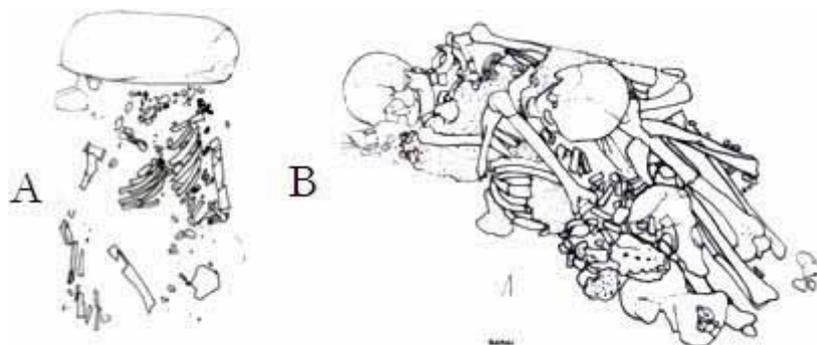


Figura 10:A – Detalhado esqueleto de criança com artefato lítico (machado) sobre o crânio (ref. figura 9B); B – Sepultamentotriplo com um adulto feminino, um masculino e uma criança. Sambaqui Piaçaguera, SP (desenhos reproduzidos a partir de fotografias da coleção da arqueóloga Dorath P. Uchôa, MAE-USP; ref. Silva, 2005).

Então, a identidade de *gênero* apresenta-se relacionada sinergeticamente com os outros tipos de identidade como a étnica, de *status*, religiosa, da idade, e essa sinergia, interpretada arqueologicamente, constitui um norte para a produção de conhecimento arqueológico a partir dos remanescentes humanos e as práticas funerárias.

77

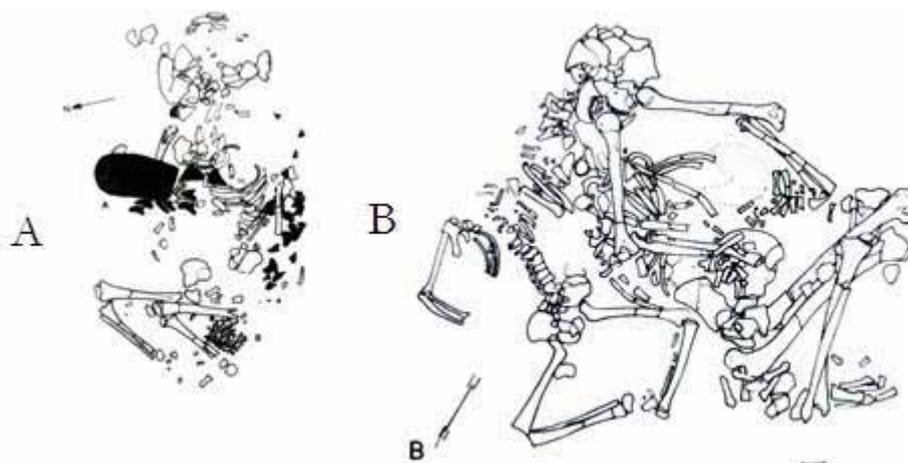


Figura 11: A – sepultamento de criança com lâmina de machado na região torácica; B – sepultamento simultâneo de adulto masculino e criança. Sambaqui Piaçaguera, SP. (desenhos executados a partir da coleção de fotografias da coleção da arqueóloga Dorath P. Uchôa, MAE-USP; ref. Silva, 2005).

São recomendados, na perspectiva desta temática, a consulta aos significativos trabalhos¹⁴ de Joyce (2009)¹⁵, Hamilakis, Pluciennik e Tarlow (2002), Schmidt e Voss (2000), Rautman (2000) e Grauer e Stuart-Macadam (1998) e, especialmente, o artigo de Hollimon (2011). Essa última autora, muito além de citar uma significativa bibliografia, destaca os principais temas de pesquisa em arqueologia de gênero e da sexualidade: a) as análises mortuárias; b) reconstrução de atividades, divisão do trabalho e especialização ocupacional; c) modificação corporal intencional; d) saúde e doença; e) análise de isótopos estáveis para uma mensuração mais precisa do status nutricional; f) violência e guerra; g) teoria *queer*¹⁶, relacionada ao estudo bioarqueológico do sexo, gênero e sexualidade como mutuamente constituídos (terceiro gênero); h) estudo do DNA antigo; i) gênero e o curso da vida e j) identidade de gênero, étnica, linguística ou religiosa.

Na perspectiva da arqueologia de gênero, incluindo o fator idade, a deposição conjunta de adultos com crianças e de adultos de sexos diferentes, os sambaquis da costa brasileira oferecem novos objetos de pesquisa (Figuras 10B e 11B). Os indivíduos com sexo biológico indeterminado são problemas nesse contexto, como no caso do sítio Tenório, em São Paulo (Figura 12). Diferenças no posicionamento de corpos de indivíduos masculinos e femininos podem ser notadas nos sítios Piaçaguera (Figura 9) e Tenório (Figura 13), um sambaqui e um sítio correlato do litoral paulista. Os masculinos estão hiperfletidos, sob grandes blocos líticos e os femininos apresentam ângulos maiores entre os membros, em covas mais amplas e líticos menos volumosos como acompanhamento e estrutura para a cova.

¹⁴ Estes artigos e livros estão disponíveis, ainda, somente na língua inglesa, tornando-se interessante a publicação de traduções de coletâneas dos mesmos.

¹⁵ Embora seja generalista e introdutório, oferece uma resumida visão sobre o gênero na arqueologia mundial.

¹⁶ Teoria baseada na oposição ao normativo e não está restrita ao gênero ou as práticas sexuais, no desacordo com o normal, o legitimado e o dominante que está incluída nas perspectivas futuras da arqueologia de gênero e das sexualidades (ver as explicações específicas em Hollimon, 2011, p. 161).

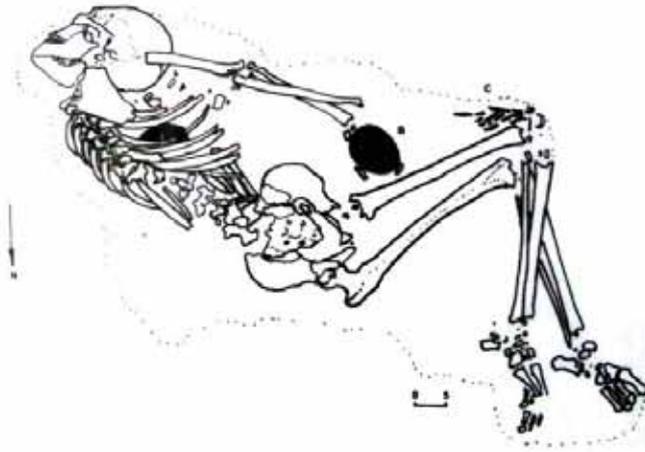


Figura 12: Sepultamento primário simples de indivíduo sem sexo determinado. A presença de seixos nas mãos pode indicar possível gênero feminino dentro da ocupação em Tenório, sítio conchífero do litoral norte de São Paulo. Embora estejam em condições de análise, o crânio e a pelve não ofereceram caracteres diagnósticos satisfatórios. O esqueleto é de jovem, sem os terceiros molares eclodidos. (desenho a partir de fotografia de campo da coleção da arqueóloga Dorath P. Uchôa, MAE-USP; ref. Silva, 2005).

79

As temáticas são recorrentes nas arqueologias de gênero. Identificar gênero cultural, sexo biológico e comparar as suas relações com base em vestígios em contextos tafonomicamente muito alterados parece extremamente complexo. Mas vai ser nos pequenos detalhes de relações entre ecofatos e artefatos, em fragmentos ósseos com traços dimórficos recuperados, nas análises comparativas dos dados mortuários que poderemos estabelecer realmente as hipóteses de pesquisa sobre a sexualidade em populações extintas. Nesse sentido, os autores acima referendados têm com o que contribuir no campo das ideias. Esses autores oferecem perspectivas extremamente significativas para o estudo do sexo, gênero e sexualidade na arqueologia.

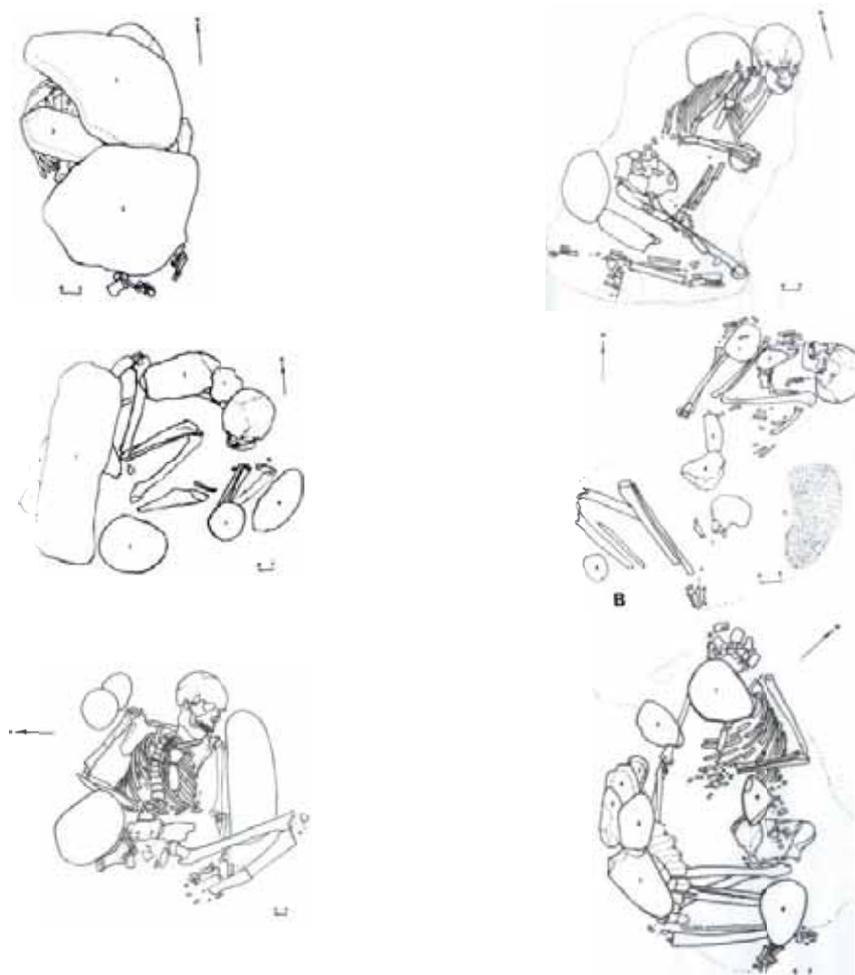


Figura 13: Sepultamentos primários simples masculinos (primeira coluna) e femininos (segunda coluna), com presença de blocos líticos. As mulheres levam seixos nas palmas das mãos. Sítio pré-histórico Tenório, São Paulo (desenhos a partir de fotografias de campo da coleção da arqueóloga Dorath P. Uchôa, MAE-USP; ref. Silva, 2005).

Na figura 13, representando sepultamentos em um mesmo sítio pré-histórico litorâneo, os corpos dos indivíduos masculinos estão excessivamente flexionados, com membros hiperflexionados com o corpo delimitado e sob blocos líticos maiores que nos sepultamentos femininos, com membros menos flexionados e blocos menores, incluindo pequenos seixos nas palmas das mãos (fechadas). A prática funerária apresenta instâncias dimórficas de sexo para além das características biológicas.

Sobre os aspectos teóricos dessa perspectiva de pesquisa não podemos deixar de incluir em nossa lista a importante coletânea de Gowland e Knüsel (2009), onde as questões de gênero (construção social, acompanhamentos funerários para determinados gêneros) e sexo (biologicamente determinado) são retomadas nos artigos de Sofaer (2009) e Stone e Walrath (2009), especificamente.

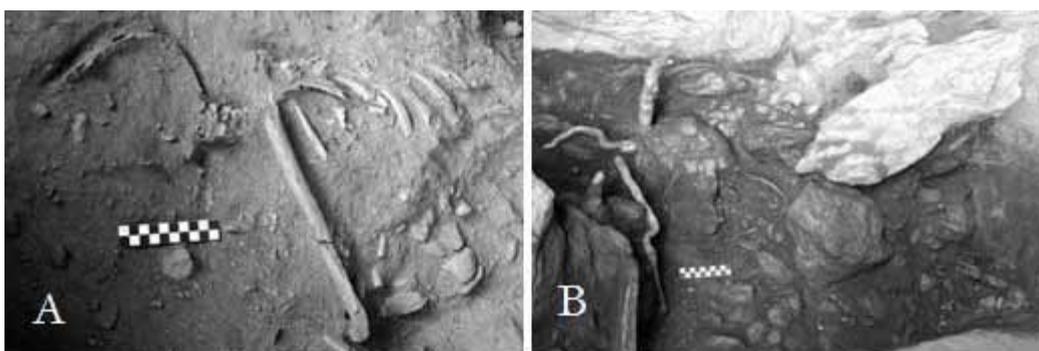


Figura 14: Sepultamentos 27(A) e 29(B) do sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. Em A, o esqueleto feminino apresenta membros com ângulos de flexão maiores (medidos entre os eixos longitudinais do úmero/coluna vertebral) que no caso da inumação masculina em B, a qual está recoberta por blocos líticos e apresenta ângulos entre os úmeros e a coluna vertebral menores que no esqueleto do sep. 27. (fotografias de campo por Tainã Alcântara e Carolina Sá, DARQ-CFCH-UFPE, 2010).

81

Nas figuras 14 e 15, os sepultamentos humanos apresentam configurações diferentes quanto à morfologia da deposição e às características relacionadas à posição dos corpos e disposição dos membros que podem estar associadas ao sexo biológico e sociocultural dos indivíduos da população ou populações que fizeram uso do abrigo para fins funerários (MARTÍN, 2008). Essa hipótese de diferenciação estrutural das deposições funerárias e da posição dos corpos e demais acompanhamentos deve ser verificada para toda a coleção antropológica do sítio Pedra do Alexandre. O foco primordial dessa verificação está na diagnose sistemática de sexo para todos os indivíduos escavados.

Em sítios diversos o corpo masculino tem sido depositado na sepultura de modo mais ou menos recorrente, com flexão acentuada dos membros. Esse fator não foi comparado aos blocos depositados sobre o corpo ou a sepultura ou sobre o uso do ocre e da queima, dos acompanhamentos funerários e de eventuais inumações com mais de um indivíduo. Sepultamentos femininos (Figura 16) têm mostrado maiores aberturas de ângulos entre os membros. Entretanto o seu estudo deve estar relacionado à população específica, no tempo e no espaço contextualizados. Quaisquer universalizações dessas posturas funerárias estariam contrariando as diversidades socioculturais existentes no passado.



82

Figura 15: Sepultamentos masculinos de sítios brasileiros com diferentes cronologias, distribuição geográfica e cultural. Da esquerda para a direita, em cima: Tenório (sem os blocos líticos que o cobriam), Mar Virado, Buracão, Mar Virado (sem os blocos líticos que o recobriam) – SP. Em baixo: Justino – SE, Santo Amaro, Tenório (sem os blocos que o circundavam e recobriam) e Piaçaguera – SP. Covas de pequenas dimensões em sítios de coletores-pescadores e agricultores ceramistas (ref. Silva, 2005).

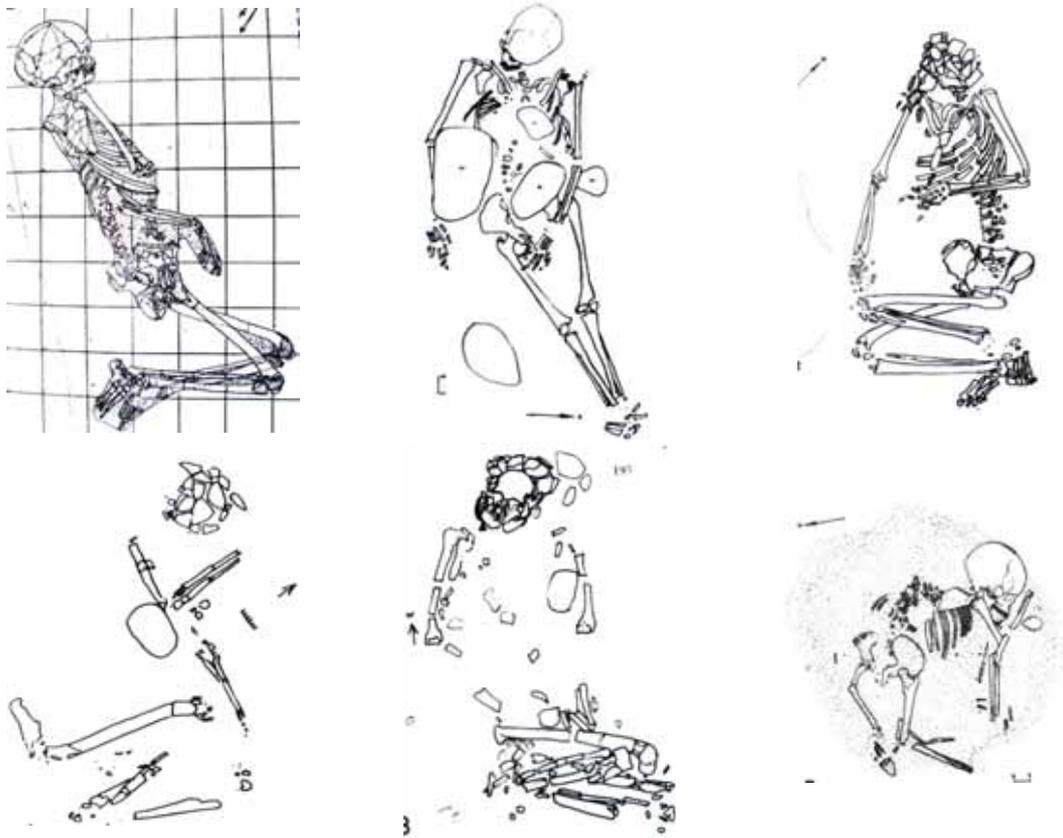


Figura 16: Sepultamentos femininos de sítios brasileiros com diferentes cronologias, distribuição geográfica e cultural. Da esquerda para a direita, em cima: Justino – SE, Tenório – SP, Tenório – SP (sem os blocos que o circundavam). Em baixo: Mar Virado – SP, Piaçaguera – SP e Tenório – SP, dentro de mancha de fogueira. Covas de médias e grandes dimensões em sítios de coletores-pescadores e agricultores ceramistas (ref. Silva, 2005).

O estudo das práticas funerárias, em especial da morfologia da deposição do corpo e a sua reconstituição quanto às instâncias operacionais das práticas relacionadas ao sistema funerário em questão, pode auxiliar na elaboração de hipóteses sobre a distinção social de sexo nas sociedades extintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comumente, segundo Sofaer (2006), o sexo é compreendido em termos biológicos, relacionando-se com características biológicas próprias. É definido pelas diferenças entre mulheres e homens, incluindo diferenças cromossômicas, dos genitais e pelos contrastes na anatomia do esqueleto, relacionados às diferenças hormonais entre mulheres e homens. No

âmbito das *diagnoses* de sexo em biologia, a observação visual comparada das características físicas/morfológicas do corpo é essencial. Uma conclusão, não efetiva, mas que deve gerar controvérsias a respeito da articulação do sexo na arqueologia, presente no texto da osteoarqueóloga e pré-historiadora vinculada à Universidade de Southampton, Joanna R. Sofaer, defende o seguinte:

Such accuracy is important for both osteoarchaeology and interpretative archaeology since sex is used as a basic axis of analysis, according to which patterns of skeletal change or distributions of objects are examined; sex differences are not only important to society in terms of human reproduction and the influence they may have on biological processes, but highly visible and socially meaningful. Determination of sex is seen as a vital service provided by osteoarchaeologists for interpretative archaeologists. (SOFAER, 2006, p. 90, grifo nosso).

84

Concluimos que uma das instâncias das conquistas feministas, especialmente a da década de 1980, propiciou na arqueologia o questionamento do lugar da mulher, seguindo-se ao da criança, dos que não se enquadram nos dois gêneros preliminarmente dominantes – do terceiro gênero e suas diversificações –, dos idosos e das populações com ancestralidades não europeias, seguindo paralelamente os passos da *Nova História*¹⁷. Darvill (2008) distingue, ainda, nesse âmbito, uma arqueologia feminista (*feministarchaeology*), correlata à arqueologia de gênero (*genderarchaeology*) como

[...] uma abordagem para a interpretação arqueológica que fornece uma crítica das noções androcêntricas e preconceituosas colocadas em primeiro plano das experiências das mulheres no passado. A convicção de que as mulheres sofreram opressão na sociedade ocidental traz consigo a implicação de que os arqueólogos necessitam examinar os papéis de gênero e as desigualdades dentro da profissão arqueológica (DARVILL, 2008, p. 155, grifos nossos).

Na perspectiva masculinista de Timothy Darvill, existe na *arqueologia feminista* uma crença, *convicção*, opinião, de que as mulheres teriam “sofrido” na sociedade ocidental, “opressão” e que esta deve ser detectada no presente. Mas a arqueologia feminista é autêntica, sócio-política e psicanaliticamente engajada na *questão feminina*, aprisionada no interior do *mundo masculino* contemporâneo.

Em outra instância da arqueologia de gênero, a funerária, o esqueleto humano nos sítios arqueológicos pode ser considerado como um *ecofato*, resultante de um corpo que foi manipulado e sepultado – objeto de cultura material – capaz de articular sexo e gênero na

¹⁷ Inclua-se aqui: História das Mulheres, História da vida privada; História da sexualidade; História do corpo; História da homossexualidade; História da criança; História do crime, categorias ou linhagens de produção de conhecimento histórico, ainda consideradas marginais ou relacionadas a temas transversais.

visão de Sofaer (2006). Para isso é importante a contribuição de um ramo da arqueologia, voltado ao estudo e análise da anatomia humana e de animais enquanto remanescentes esqueléticos no contexto dos depósitos arqueológicos: a osteoarqueologia ou *osteoarchaology*, descrito sinteticamente por Darvill (2008).

Certamente a *arqueologia de gênero*, as *arqueologias da sexualidade*, *arqueologia queer* e a *arqueologia do corpo* constituem novas frentes de pesquisa, podendo contar com os serviços prestados por outras linhagens arqueológicas, como a *osteoarqueologia* de Sofaer (2006) e tantos outros. Entretanto estamos pensando sobre níveis diferenciados de *cientificidade* da arqueologia: as *arqueologias da sexualidade* lidam com objetos ideários simbólicos, de *cultura imaterial*, *extensões sensoriais e mentais do corpo biológico* predominantemente, enquanto que as arqueologias tradicionais lidam com objetos de *cultura material*, predominantemente, com hipóteses passíveis de testes, buscando sua interpretação em *contextos arqueológicos* e *sistêmicos* de uma sociedade no passado. O tempo *passado* e o *presente*, como entidades cronológicas, construções sociais, são artificialmente mantidos muito próximos e interdependentes (*temporum continuum, tempus immobilis*) nas arqueologias da sexualidade, onde eventos antigos justificam tomadas de decisões políticas, jurídicas e reivindicações sociais na *história do presente e do corpo* (CRESPINO, 1990). *A priori* podemos pensar desse modo.

85

Por outro lado, na mesma medida, a *queerarchaeology (queertheory)*, descrita por Darvill (2008) de forma resumida, é uma forma de abordagem da arqueologia ou outra arqueologia do *contra-discurso, pós-moderna, pós-processual* que visa recuperar, interpretar e apresentar os dados arqueológicos e o conhecimento com o objetivo de, ativa e explicitamente, modificar a *heteronormatividade da prática científica*, sob o ponto de vista do marginalizado sexualmente, intelectualmente ou culturalmente. É, antes de ser um sistema teórico explicativo ou interpretativo, uma alternativa contemporânea aos discursos arqueológicos de caráter eminentemente heteronormatizador.

Os exemplos arqueológicos provenientes de sítios históricos e pré-históricos indicam a possibilidade do desenvolvimento de pesquisas sobre o corpo, infância, sexo e gênero no passado, o que deve ser considerado quando da elaboração dos planos de pesquisa de escavação ou, *a posteriori*, em estudos curatoriais de longa duração em coleções antropológicas, seus documentos de campo e publicações posteriores. Os esqueletos passam a ter significados multidimensionais no âmbito da Bioarqueologia e da Arqueologia da Morte quando estudados conforme o estágio de modelação e remodelação dos ossos e dentes, bem como em relação à diagnose sexual. Os machados não indicam somente adultos masculinos, por exemplo, no caso paulista, aparecendo com mulheres e crianças. Os corpos masculinos têm sido mais flexionados que os femininos, em covas menores e sob blocos líticos maiores.

Uma perspectiva de pesquisa que considere os dados mortuários como multicomponenciais, podendo ser dimensionados conforme a idade e o sexo, é bem vinda nas arqueologias feministas e de *gênero*. As *arqueologias das sexualidades*, versão mais expandida da arqueologia de gênero dos anos 1970-1990 oferece outras possibilidades de pesquisa que podem nos surpreender tanto quanto a *arqueologia da infância*, especificamente no caso brasileiro, com inúmeros sítios com presença de subadultos. Novos olhares podem revelar instantes ainda não observados nos contextos funerários – e sistêmicos – em associação com os métodos e técnicas bioarqueológicos e as formas antropológicas e etnográficas de interpretação arqueológica.

REFERÊNCIAS

- ADOVASIO, J.M.; SOFFER, O.; PAGE, J. 2009. *Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história*. Rio de Janeiro: Record.
- AGARWAL, S. C.; GLENCROSS, B. A. (eds.) 2011. *Social Bioarchaeology*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- ARMELAGOS, G. J. 1998. Introduction: sex, gender and health status in prehistoric and contemporary populations. In: GRAUER, A. L.; STUART-MACADAM, P. (eds.) *Sex and Gender in Paleopathological Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ARNOLD, B. 1996. *Are You a Boy or Are You a Girl? Archaeological Correlates of a Sex and Gender Disjunction in Mortuary Ritual*. Michigan: Michigan State University. (paper presented at a Fourth Gender and Archaeology Conference).
- ARNOLD, B.; WICKER, N. L. 2001. *Gender and the Archaeology of Death*. EUA: Alta Mira Press.
- BERROCAL, M. C. 2009. Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica. In: *Trabajos de Prehistoria*, 66:2, pp. 25-43. Madrid: CSIC.
- BUIKSTRA, J.E., UBELAKER, D.H. (eds.). 1994. Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains, Proceedings from a Seminar at the Field Museum of Natural History. *Arkansas Archaeological Survey Research Series*. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey. (44).
- CARVALHO, V. C de. 2008. *Gênero e Artefato. O sistema Doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- CONKEY, M.; SPECTOR, J. 1984. *Archaeology and the study of gender*. Advances in Archaeological Method and Theory, 7: 1-38.
- CRESPO, J. 1990. *A História do Corpo*. Lisboa: Difel.
- DAMM, C. 1991. From burial to gender roles: problems and potentials in post-processual archaeology. In: WALDE, D.; WILLOWS, N. (eds.) *The Archaeology of Gender*. Calgary: The University of Calgary. p. 130-135.
- DARVILL, T. 2008. *The Concise Oxford Dictionary of Archaeology*. 2. ed. New York: Oxford University Press.

DEMBO, A.; IMBELLONI, J. 1933. *Deformaciones intencionales del cuerpo humano de carácter étnico*. Buenos Aires: Jose Anesi.

DÍAZ-ANDREU, M. 2005. Género y arqueología: una nueva síntesis. In: ROMERO, M. S. (ed.) *Arqueología y Género*. Granada: Editorial Universidad de Granada. p. 13-51.

GERO, J.; CONKEY, M. 1991. *Engendering Archaeology. Women and Prehistory*. Oxford: Blackwell.

GODOY, O R de. 1936a. Sobre esqueletos encontrados no prédio da Faculdade de Direito. *Archivos de Policia e Identificação*. São Paulo: Typ. do Gabinete de Investigações, v.1, p. 57-83.

GODOY, O R de. 1936b. Sobre o esqueleto de um indivíduo assassinado na estrada de rodagem Porto Ferreira. *Archivos de Policia e Identificação*. São Paulo: Typ. do Gabinete de Investigações. V.1, p. 113-119.

88 GONZALO, Almudena Hernando. 2007. Sexo, Género y Poder. Breve reflexión sobre algunos conceptos manejados en la arqueología del género. In: *Revista Complutum*, v. 18, p.167-174.

GOWLAND, R.; KNÜSEL, C. (eds.) 2009. *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books.

GRAUER, A. L.; STUART-MACADAM, P. (eds.) 1998. *Sex and Gender in Paleopathological Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

HAMILAKIS, Y.; PLUCIENNIK, M.; TARLOW, S. (eds.) 2002. *Thinking through the Body. Archaeologies of Corporeality*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

HERTZ, R. 1960. A Contribution to the Study of the Collective Representation of Death. In: NEEDHAM, R, NEEDAHM, C (trad). *Death and the Right Hand*. New York: The Free Press,

HOLLIMON, S. E. 1992. Health Consequences of Sexual Division of Labor Among Native Americans: The Chumash of California and the Arikara of the Northern Plains. In. CLAASSEN, C. (ed.) *Exploring Gender Through Archaeology. Monographs in World Archaeology*. Madison: Prehistory press. N. 11.

HOLLIMON, S. E. 2000. Sex, Health, and Gender Roles Among the Arikara of the Northern Plains. In. RAUTMAN, A.E. (ed.) *Reading the Body: representations and remains in the archaeological record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p.25-37.

HOLLIMON, S. E. 2011. Sex and Gender in Bioarchaeological Research. Theory, Method, and Interpretation. In. AGARWAL, S. C.; GLENCROSS, B. A. *Social Bioarchaeology*. Oxford: Willey-Blackwell. Pp. 149-182.

JOYCE, R. A. 2009. *Ancient Bodies, Ancient Lives: Sex, Gender, and Archaeology*. London: Thames& Hudson.

LESSA, A.; GUIDON, N. 2002. Osteobiographic analysis of skeleton I Sítio Toca dos Coqueiros, Serra da Capivara National Park, Barzil. *FUMDHAMENTOS*. V.11, p.99-110.

MARTÍ, Ruth F. La Arqueología Del Género: Espacios de mujeres, mujeres com espacio. *Cuadernos de Trabajos de Investigación*. n. 6. Centro de estudios sobre La mujer, Universidad de Alicante.

MARTIN, G. 2008. A vida espiritual: o culto aos mortos. In: *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 307-322.

89

MATTHEWS, K. 1994. An Archaeology of Homosexuality? Perspectives from the Classical World. In. COTTAM, S.; DUNGWORTH, D.; SCOTT, S.; TAYLOR, J. (eds.) *TRAC94. Proceedings of the Fourth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Durhan. Oxford: Oxford Books. P. 118-132.

MILLER, D.; TILLEY, C. (eds.) 1984. *Ideology, Power and Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 51-68.

NASCIMENTO, A. C.; FARIA GRILLO, M. A. (orgs.). 2008. *Cultura, Gênero e Infância. Nos Labirintos da História*. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco.

NELSON, S. M. 2007. *Identity and Subsistence: Gender Strategies for Archaeology (Gender and Archaeology)*. EUA: AltaMira Press.

PETTTTT, P. 2011. *The Paleolithic Origins of Human Burial*. London: Routledge.

RAGO, M. 1998. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, n.11, p. 89-98.

RAUTMAN, A. E. (ed.) 2000. *Reading the Body. Representations and Remains in the Archaeological Record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

RAUTMAN, A. E.; TALALAY, L.E. 2000. Introduction: Diverse Approaches to the Study of Gender in Archaeology. In. RAUTMAN, A. E. (ed.) *Reading the Body. Representations and Remains in the Archaeological Record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 1-12.

RUBINSON, K. S. 2008. *Are All Warriors Male? Gender Roles on the Ancient Eurasian Steppe (Gender and Archaeology)*. EUA: AltaMira Press.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. 1969. *A Mulher na Sociedade de Classes*. Mito e realidade. São Paulo: Livraria Quatro Artes.

SAVAGE, S. H. 2000. The status of women in Predynastic Egypt as revealed through mortuary analysis. In. RAUTMAN, A. E. (ed.) *Reading the Body: representations and remains in the archaeological record*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 77-92.

SCHMIDT, R. A.; VOSS, B. L. (eds.) 2000. *Archaeologies of Sexuality*. London: Routledge.

SCOTT, Joan. 1990. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez. Tradução da versão francesa (Les Cahiers du Grif, n° 37/38. Paris: Editions Tierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro.

SILVA, S F S M da. 2005-2006. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 15-16: 113-138.

SILVA, S. F. S. M. da. 2005. *Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo*. (Tese de doutorado). São Paulo: MAE-USP.

SILVA, S. F. S. M. da. 2001. *Um outro olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções – Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: MAE/FFLCH-USP.

SOFAER, J. R. 2006. *The Body as Material Culture. A Theoretical Osteoarchaeology*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press.

SOFAER, J. R. 2009. Gender, Bioarchaeology and Human Ontogeny. In. GOWLAND, R; KNÜSEL, C. (eds.) *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books. p. 155-167.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana M. 2007. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300.

STONE, P. K.; WALRATH, D. 2009. The gendered skeleton: anthropological interpretations of the bony pelvis. In.GOWLAND, R.; KNÜSEL, C. (eds.) *Social Archaeology of Funerary Remains*.Oxford: Oxbow Books. p. 168-178.

TRIGGER, B. 2004. *História do Pensamento Arqueológico*. Editora Odysseus.

UCHÔA, D. P. 1973. *Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois sítios pré-cerâmicos do litoral paulista*. Tese de doutorado. Rio Claro: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.

VAN GENNEP, A. 1960. *The Rites of Passage*.London: Routledge/ Kegan Paul.

WEISS-KREJCI, E. 2011.The formation of mortuary deposits.Implications for understanding mortuary behavior of past populations.In.AGARWAL, S. C.; GLENCROSS, B. A. *Social bioarchaeology*. United Kingdom: Wiley-Blackwell. p. 68-106.

WHELAN, M. K. 1991.Gender and Archaeology: Mortuary Studies and the Search for the Origins of Gender Differentiation. In.WALDE, D.;WILLOWS, N. D. (eds.) *The Archaeology of Gender: Proceedings of the Twenty-second Annual Conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Alberta: Archaeological Association of the University of Calgary. p. 366-374.

WHITE, T. D., FOLKENS, P. A. 2005. *The Human Bone Manual*. London: Academic Press.